

CARTA DO
LÍBANO

Dom Elias Audi
Sua poderosa voz se
une às manifestações
populares que sacodem
as ruas do país

**SAGA
LIBANESA**

**FARAGE NADER
CHUCRI CURI
FUAD NAMEN ZEGAIB
ADEL AUADA**

**OSMAR
CHOHFI**

Com mais de 40
anos de atuação
no Itamaraty, o
embaixador coloca
toda a sua expertise
diplomática a serviço
das relações do Brasil
com o mundo árabe

**Amal
Clooney
Escreve**

“UM MOMENTO
DE ESPERANÇA
PARA O LÍBANO”

Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



HOTEL NACIONAL INN

reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS + PARQUE
AQUECIDAS + WALTER WORD



ALL INCLUSIVE



comercial@thww.com.br
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131
Jardim Del Rey

www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
OSMAR CHOHFI

FOTO
RODRIGO RODRIGUES

EDITORIAL

EXEMPLOS DE CORAGEM E FÉ NO FUTURO

Em um ano com início tenso nas relações internacionais, **Carta do Líbano**, observa a crise que há quatro meses leva o povo libanês às ruas, reivindicando melhores condições de vida, mais trabalho e, sobretudo, o fim da corrupção sistêmica que tem minado sucessivos governos e dilapidado o país.

Temos o artigo escrito pela advogada e ativista dos direitos humanos, Amal Clooney, ela mesma uma refugiada nascida no Líbano e criada na Inglaterra, depois que a família fugiu da guerra civil. A esposa do astro do cinema, George Clooney, se engaja e solidariza com seus conterrâneos dizendo "Basta!" para os extremismos ideológicos, a violência miliciana e a corrupção oficial.

E lembramos a figura poderosa de dom Elias Audi, o metropolitano grego ortodoxo de Beirute, líder religioso e presença constante ao lado do povo nos conflitos vividos pelo Líbano nos últimos 40 anos. Ele também se une aos protestos e à luta por um novo país, mais justo e próspero.

No Brasil, falamos de quem faz a diferença, como Fuad Zegaib, o Dinho, dono do renomado restaurante Dinho's Place, uma tradição paulistana e parada obrigatória na rota gastronômica da cidade. Filho de libaneses, Zegaib desde cedo manifestou talento para os negócios. Outro case nos negócios é o advogado e empresário do turismo, Adel Auada, um profissional a frente do seu tempo que ajudou a estabelecer as regras do setor. Sem esquecer a trajetória de sucesso de um dos pioneiros da indústria têxtil nacional, Farage Nader, cuja viúva e filhos nos receberam para falar da vida e do legado do patriarca.

Em um registro nostálgico e oportuno, republicamos um perfil de dez anos atrás sobre os feitos de Chucri Curi, que aqui chegou no final do século 19 e se tornou o mais importante jornalista libanês fora do Líbano.

Já o embaixador descendente de sírios, Osmar Chohfi coloca sua experiência diplomática - 40 anos no Itamaraty - a serviço das relações do Brasil com o mundo árabe. Oportunamente, é ele a capa desta edição.

Boa leitura!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano

CARTAS

Edição especial São José do Rio Preto

“Quero cumprimentá-lo pelo excelente número da Carta do Líbano com a matéria ‘Rio Pretenses dos Cedros’.

O texto retrata muito bem o trabalho notável desses imigrantes que deixaram o Líbano com a esperança de realizarem seus sonhos no Brasil. E o fizeram com muito trabalho e dignidade, legando a seus filhos e à sociedade o exemplo dos grandes cidadãos que foram, honrando suas duas pátrias. A revista nos trouxe o registro histórico dessa luta. Fouad, continue esse belo trabalho.

Samir Auada
São Paulo, SP

Família Atique Gabriel

“De pessoas muito inteligentes e guerreiras. Chegaram aonde chegaram à custa de muito trabalho. Que Deus os abençoe sempre. Essa família fez a diferença na vida de muitas pessoas. Graça a eles muitos tiveram a oportunidade de um futuro melhor.

Angélica Nascimento
São José do Rio Preto -SP



Academia Paulista de Letras

“Parabéns Fouad, pela edição de tão grande relevância apresentando na capa a figura imponente de Roberto Duailibi.

Edmo Atique Gabriel
São José do Rio Preto – SP

“Parabéns pelo belo trabalho que vocês vêm fazendo há anos.

Lina Mattar
Belém – PA



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 95 · CONTA CORRENTE 21114-1

Amal Alamuddin Clooney nasceu no Líbano e cresceu na Inglaterra. Formou-se em Direito em Oxford e fez mestrado em Nova Iorque. É casada com o ator George Clooney



“BASTA!” DIZ AMAL CLOONEY

Por Amal Clooney

Nascida no Líbano e criada na Inglaterra, a advogada e celebridade internacional Amal Clooney se manifestou publicamente em um artigo, em inglês, postado na versão online do jornal “An-Nahar”.

Sob o título “Um momento de esperança para o Líbano”, ela dá sua visão do momento vivido pelo país a partir de sua própria experiência como filha de uma família exilada devido à guerra civil que dividiu e destruiu sua terra natal durante duas décadas. Ela se posiciona ao lado dos que se manifestam nas ruas do Líbano

Quando nasci no Líbano, meus pais me deram o nome de Amal - que significa “esperança” - pois desejavam dias melhores em seu país devastado pela guerra. Isso foi há mais de quatro décadas e nunca tive maior esperança para meu país de nascimento do que hoje.

Porque, pela primeira vez, vejo pessoas reunidas em torno de uma ideia, em vez de uma religião, festa ou seita. Observo uma população unida que adota uma visão comum de mudança baseada na dignidade e na igualdade de oportunidades. Ouço emoção na voz de meu pai, cujo amor por seu país é palpável para quem o conhece. E emoção na voz do meu irmão, primos e amigos que foram às ruas e relatam que ‘todo o Líbano está lá’.

Por muito tempo, o povo libanês vive em um sistema que fortalece suas diferenças. Os libaneses se sentiram decepcionados com líderes que abusaram de cargos públicos em benefício próprio. Governo após governo, nenhum prestou serviços tão básicos quanto o fornecimento de eletricidade, água potável, infraestrutura decente e limpeza nas ruas. A mudança prometida está atrasada.

Estive no Líbano muitas vezes. Mas é preciso apenas uma visita para observar a forte desconexão entre o desempenho do governo e o potencial do país. A revista “The Economist” informou recentemente que o Líbano é “quase uma

caricatura de má governança”; e que sua economia está entrando em colapso. Poderia ser tão diferente se apenas os recursos do país fossem aproveitados e o talento de seu povo fosse revelado. Os libaneses não estão pedindo uma ajuda: eles só precisam ser libertados.

Isso vale para muitos países em que os líderes estão recebendo demais e devolvendo muito pouco. Mas no Líbano, a corrupção também anda de mãos dadas com um sistema de sectarismo que há muito tempo atrapalha seu crescimento. Este sistema permitiu que criminosos de guerra fossem promovidos em vez de serem julgados. Oprimiu as mulheres libanesas, que têm seus direitos fundamentais determinados por juízes religiosos



Libaneses protestam contra o governo em meio à crise econômica

FOTOS: REUTERS

A voz de Amal Clooney representa centenas de milhares de imigrantes libaneses, em todo o mundo



*“Observo orgulhosamente a **juventude** do Líbano liderar a tarefa de construir **um país melhor**; e as mulheres demonstram sua **determinação** em ser catalisadoras de **mudanças**”*

libanês, como uma frente unida, está deixando claro que não irá tolerar mais ser manipulado e enganado. Eles não permitirão que os líderes tribais os confrontem com falsas promessas. Agora, quando informados que os protestos são obra de potências estrangeiras, eles não mais acreditam nisso. Sabem que o movimento é deles.

Observo orgulhosamente a juventude do Líbano liderar a tarefa de construir um país melhor; e as mulheres demonstram sua determinação em ser catalisadoras de mudanças. Enquanto as pessoas cantam juntas, dançam e dão os braços umas às outras. Não apenas pessoas de uma comunidade, um partido, uma seita; mas todos os libaneses, de pé, ombro a ombro, para dizer basta é basta.

Os próximos dias não serão fáceis, e minha maior esperança é que as forças violentas não desviem mais uma vez o curso da história do Líbano. Seu povo merece mais que isso. Acredito que estamos testemunhando um belo momento na transformação de um belo país. Uma transformação sem volta. ■

**Amal Clooney (Alamuddin) é advogada libano-britânica da Doughty Street Chambers, especializada em direito internacional e direitos humanos. Em 2019, foi nomeada enviado especial para liberdade de expressão pelo Ministério Britânico das Relações Exteriores e da Commonwealth*



Protestos espontâneos em massa contra o regime e a crise econômica no Líbano. As maiores manifestações da população nos últimos anos

em vez de por tribunais independentes. E levou os jovens talentos mais ambiciosos a perseguir seus sonhos no exterior.

Treze anos atrás, deixei um emprego em Nova York para morar no Líbano pela primeira vez desde que eu era bebê. Fiz isso porque as Nações Unidas iniciaram uma investigação sobre ataques terroristas que mataram o primeiro-ministro do país (Rafik Hariri) e outros líderes democráticos, incluindo o editor (Gebran Tueni) deste jornal (An-Nahar). Eu vi isso como uma chance única para o Líbano se afastar de um sistema no qual era comum matar oponentes políticos, sem consequências. Por isso, passei dois anos vivendo em um complexo da ONU no topo de uma montanha, movendo-me em carros blindados e sob forte esquema de segurança. Pensei que valeria a pena se pudéssemos ajudar a importar o Estado de Direito. E nosso trabalho desencadeou um julgamento. Mas agora sei que a mudança sistêmica só pode vir de dentro.

Por isso, o que está acontecendo hoje é tão significativo. Este é um momento em que o povo



Dom Elias Audi, metropolita da Arquidiocese de Beirute

PAZ, ESPERANÇA E LIBERDADE

Em uma vida devotada à Igreja Ortodoxa de Antioquia, dom Elias Audi se destaca como o líder religioso mais atuante nas crises enfrentadas pelo Líbano nos últimos 40 anos. Agora essa poderosa voz se une às manifestações populares que sacodem as ruas do país

“Este país é governado por uma pessoa que todos vocês conhecem e por um grupo que nos governa com armas”, disse o metropolita grego ortodoxo de Beirute, dom Elias Audi, no dia 8 dezembro passado, durante sermão na missa oficial dos 14 anos do assassinato de Gebran Tueni, editor do jornal “An-Nahar” e proeminente figura política do Líbano.

“Hoje, este país é governado por uma pessoa que todos vocês sabem quem é, mas ninguém diz nada”, prosseguiu dom Elias, referindo-se a Hassan Nasrallah, secretário-geral da milícia islâmica xiita Hezbollah. “Este país é governado por um grupo através de armas. Onde está a cultura? Onde está a educação? Onde está a excelência libanesa da qual nos orgulhamos tanto? Onde? Nós não sabemos o que esse homem sabe, mas ele governa sobre nós. Nós olhamos para ele, mas não para aqueles acima dele. Que país miserável!”, lamentou

Conhecido como ferrenho defensor dos direitos humanos, da justiça social, da soberania e da liberdade de expressão no Líbano, dom Elias é sempre a presença e a voz mais corajosa nos momentos decisivos vividos pelo país.

Sua manifestação foi considerada polêmica, no início dos protestos antigovernamentais em todo o país, quando disse que o vazio no poder - durante dois anos o Líbano foi governado por um grupo político e não por um presidente - era melhor que a situação atual. “Para aqueles que pedem a abertura das estradas para trabalhar, eles estavam trabalhando antes dos protestos? O vazio no poder era melhor do que o que estamos vivendo hoje”, declarou o líder religioso à imprensa antes de se encontrar com o patriarca maronita Bechara al-Rai e outros bispos, em 23 de outubro do ano passado.

Os protestos da população libanesa contra o governo tiveram início em Beirute, em 17 de outubro, e agora entram no quarto mês. Os manifestantes exigem medidas imediatas contra a decadência dos serviços públicos, o desemprego, a crise econômica e a corrupção no governo.

A denúncia de que o Líbano foi e continua sendo mal administrado não é novidade. Tanto



Centenas de milhares de pessoas marchando nas ruas de Beirute. As manifestações têm atraído pessoas de todas as classes e religiões

“Este país é governado por um grupo através de armas. Onde está a cultura? Onde está a educação? Onde está a excelência libanesa da qual nos orgulhamos tanto?”

FOTOS: REUTERS & NNA

a atual gestão quanto as anteriores falharam no combate à corrupção e ao nepotismo. Enquanto o desempenho da Economia é ruim ao ponto de a dívida do país atingir os 100 bilhões de dólares e o alto índice de desemprego obrigar toda uma geração de jovens a buscar melhores oportunidades no exterior. Inclusive, grande parte da população ainda não tem acesso a serviços públicos básicos confiáveis, como eletricidade e água.

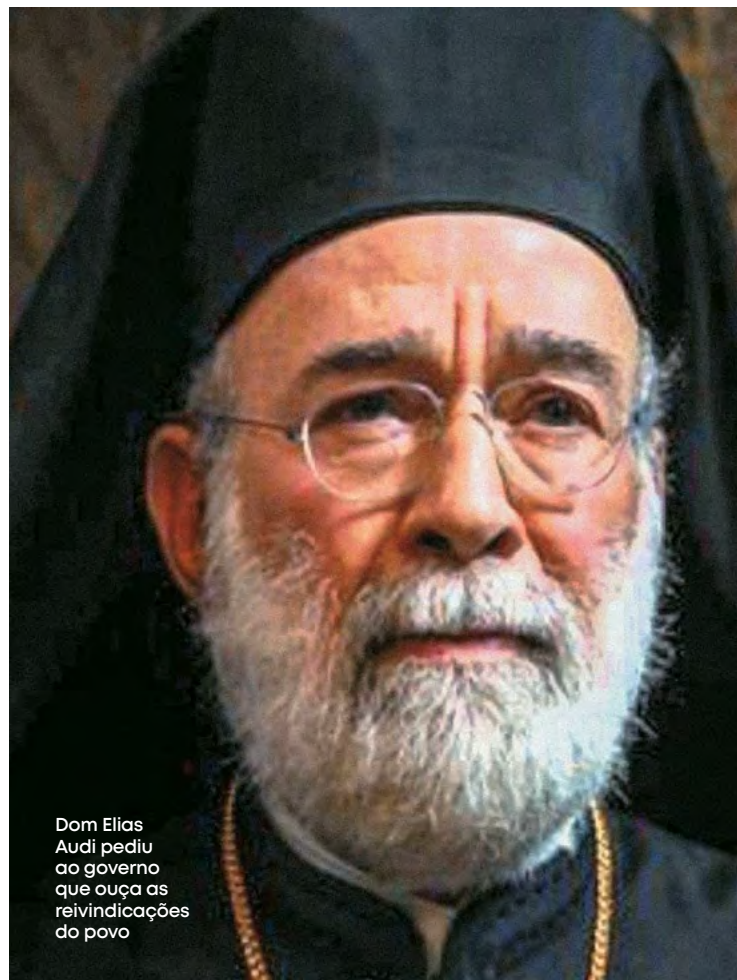
DEDICAÇÃO À FÉ E AO PRÓXIMO

Nascido em 1941, no distrito el-Koura, norte do Líbano, dom Elias Audi formou-se em Filosofia e Teologia, no Seminário São Vladimir, em Nova York, em 1969. No ano anterior, havia sido ordenado diácono pelo bispo Elias Kurban, de Trípoli, no mosteiro de Nossa Senhora de Hamatoura. Depois de concluir os estudos, foi ordenado sacerdote, em julho de 1969, pelo metropolitano Phillip (Salibi), primaz da Arquidiocese Ortodoxa de Antioquia na América do Norte, e nomeado sacerdote da Igreja de Santa Maria, em Yonkers, Nova York.

Voltou a seu país em 1971, assumindo o cargo de decano assistente no Instituto de Teologia São João de Damasco, da Universidade Balamand, a pedido do Santo Conselho da Igreja Ortodoxa de Antioquia.


Fez doutorado na Grécia, em 1975, e quatro anos depois convocado para auxiliar o então recém-entronizado patriarca, Sua Beatitude Inácio 4º Hazim da Igreja Ortodoxa de Antioquia e de todo o Oriente. No mesmo ano, 1979, dom Elias foi eleito bispo como vigário patriarcal. E em 5 de fevereiro de 1980, foi eleito metropolitano da Arquidiocese de Beirute. Após a entronização, em 9 de abril, na Sé da Arquidiocese de Achrafieh, serviu sua primeira liturgia hierárquica na Igreja de São Nicolau.

Ao mesmo tempo, dom Elias serviu a Arquidiocese de Beirute e representou a Igreja Ortodoxa de Antioquia em reuniões do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas, entre 1991 e 1998. Também presidiu o Comitê Conjunto de Diálogo entre o Vaticano e o Conselho Mundial de Igrejas. ■



Dom Elias Audi pediu ao governo que ouça as reivindicações do povo

*A denúncia de que o **Líbano** foi e continua sendo mal administrado não é novidade. Tanto a atual gestão quanto as anteriores **falharam** no combate à corrupção e ao nepotismo*



CAMPANHA PRÓ
NOVA SEDE DO
CONSULADO
GERAL DO
LÍBANO
EM SÃO PAULO



MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

BRONZE: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais)
PRATA: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)
OURO: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)
PLATINA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

**É UM MOMENTO
HISTÓRICO.
APROVEITE-O!
CONTRIBUA AGORA
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66**

OSMAR CHOEFI

LIGAÇÕES PRECIOSAS DE UM CIDADÃO DO MUNDO

Com mais de 40 anos de atuação no Itamaraty, o embaixador Osmar Chohfi - descendente de sírios - hoje coloca toda a sua expertise diplomática à serviço das relações do Brasil com o mundo árabe

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



O embaixador Osmar Chohfi, vice-presidente de Relações Internacionais da Câmara de Comércio Árabe Brasileira

Com um currículo que ostenta cargos como embaixador na Organização dos Estados Americanos, em Washington, e secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, Osmar Chohfi relata para Carta

do Líbano sua trajetória. Desde a vinda de seus antepassados sírios para o Brasil, até o trabalho atual na Câmara de Comércio Árabe-Brasileira.

“Minha família paterna e minha família materna são ambas originárias da cidade de Homs, na Síria. O primeiro Chohfi chegou ao Brasil no final do século 19, mas a maior parte dos membros da família chegou no início do século 20, até mais ou menos os anos 30. Como meus avós paternos Daud e Wassila Chohfi, que desembarcaram aqui em 1920”, conta Osmar Chohfi.

Seu pai, Michel Chohfi foi trazido para São Paulo por Nagib Chohfi, pai de Niazi Chohfi, grande empresário do setor têxtil. Assim que chegou em São Paulo, Michel encontrou o irmão Stefano e foi trabalhar com ele em uma loja na Rua 25 de Março. Anos depois, abriu seu próprio negócio: “Ele tinha uma firma chamada Tecidos Michel Chohfi, que era um comércio de atacado também na 25 de Março”, recorda o embaixador.

O traço interessante dessa família é que a vocação têxtil foi determinante. Entre as empresas que carregavam o mesmo sobrenome estava a Companhia Têxtil Ragueb Chohfi, durante muito tempo uma das principais empresas do ramo atacadista de tecidos de todo o Brasil. E o nome Ragueb Chohfi foi dado a uma importante avenida paulistana que liga os distritos de São Mateus e do Iguatemi, na zona leste da capital. Além da Ragueb, Oscar Chohfi, Niazi Chohfi, Hafez Chohfi e Miguel Chohfi, o pai de Osmar, dedicaram-se ao setor têxtil, sobretudo com foco na venda de tecidos.

Do lado materno do embaixador, está a família Abbud. Seu avô, Salim Abbud, já era casado na Síria com Mariam Chami e tinha quatro filhos homens, quando decidiu emigrar para o Brasil em 1906. Veio sozinho e trabalhou como mascate durante cinco anos, em São Paulo e arredores, como era tradicional entre os imigrantes sírios e libaneses na época. “Ele juntou dinheiro e, em 1911, voltou para a Síria para buscar a família. No

ano seguinte, chegaram ao Brasil onde nasceram mais quatro filhos homens e duas mulheres, uma delas minha mãe, que veio a se tornar Olga Abbud Chohfi”, detalha. O mascate Salim Abbud se tornou proprietário de uma loja de armarinhos no bairro do Brás, na capital paulista, o Bazar Mascote, muito próspero e com certa projeção na época.

“Do lado do meu avô paterno, foram dez filhos, oito homens e duas mulheres. Do lado dos meus avós maternos, nove filhos, quatro homens e cinco mulheres. Todos se casaram e as famílias cresceram bastante. Basta dizer que éramos, ao todo, entre primos de primeiro grau, do lado materno e paterno, mais de 40 pessoas”, contabiliza Osmar.

UMA JANELA PARA O MUNDO

Além de trabalhar com tecidos, Miguel Chohfi atuou no setor da construção civil. A expectativa natural do pai era de que Osmar seguisse a mesma tradição familiar empreendedora. “Quando terminei o secundário, decidi cursar a faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Enquanto estava estudando, fiz alguns estágios em escritórios de advocacia e meu pai buscava dar um certo sentido empresarial à minha vocação”, lembra o embaixador.

Mas o interesse pelas relações internacionais falou mais alto. Desde adolescente, na escola secundária, Osmar se interessava pelos assuntos internacionais do noticiário e se empolgava com as aulas de História e Geografia. A carreira diplomática o atraía e decidiu prestar o concurso para admissão no Instituto Rio Branco, onde são formados os diplomatas. “Quando você entra no Instituto praticamente já está incluído na carreira”, explica.

Osmar Chohfi foi aprovado na primeira etapa do concurso, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou na segunda fase. Durante os primeiros

Desde adolescente, na escola secundária, Osmar Chohfi se interessava pelos assuntos internacionais



No alto, o embaixador Osmar Chohfi com o presidente do Equador, Sixto Durán Ballén, agosto de 1994. Acima, o embaixador Osmar Chohfi cumprimenta o rei Juan Carlos da Espanha, em Madrid, abril de 2003



No alto, o embaixador Osmar Chohfi com o presidente Fernando Henrique Cardoso, à esq., a mulher do embaixador, Kátia Chohfi, em junho de 1994. Acima, recebendo em Brasília o príncipe Philip, marido da rainha Elizabeth II, em 1992

anos, 1966 e 1967, fez a preparação para a carreira, que teve início no final do segundo ano, como secretário de Embaixada, e se estendeu por 44 anos. Passou por diversas embaixadas e cargos até 2011, quando atingiu a idade regulamentar para a aposentadoria, aos 70 anos.

Segundo o embaixador, foi um percurso de satisfação e reconhecimento: “Realmente me senti muito realizado na carreira diplomática por várias razões. Primeiro porque foi o que eu sempre quis. Queria viver o mundo da diplomacia, das relações internacionais, sentia possuir a vocação para a carreira. Em segundo lugar, porque o trabalho me deu enorme satisfação profissional. Sempre gostei do que fazia e tive um prazer profissional”, avalia.

Ao longo dos anos, seu foco principal foi a relação com os países latino-americanos. “Tive postos nas embaixadas do Brasil na Bolívia, Argentina, Venezuela, Equador e fui embaixador brasileiro da Organização dos Estados Americanos, em Washington. Exerci funções diplomáticas em La Paz, Buenos Aires e Caracas, em diferentes momentos da carreira. Mais tarde fui embaixador no Equador, durante quatro anos e meio”, pontua.

No Brasil, sua atuação também foi diversificada, passando pela diplomacia cultural, comercial e política. “Na diplomacia, se está sempre atuando politicamente. Mesmo ao tratar de algum assunto técnico, a atuação tem fins políticos”, esclarece. Ocupou importantes cargos na área Federal, chegando a chefe de gabinete do Ministério das Relações Exteriores e chefe do cerimonial da Presidência da República, durante o governo Fernando Collor.

Em sua ascensão profissional, conquistou o mais alto posto que um diplomata de carreira pode almejar: secretário-geral das Relações Exteriores, de 2001 a 2002. “Tive a felicidade de ocupar esse cargo na gestão do ministro Celso Lafer, na etapa final do governo Fernando Henrique Cardoso. Em linhas gerais, essa foi minha carreira no campo das relações diplomáticas e tive uma enorme satisfação pessoal”, reconhece.

Osmar Chohfi acredita o trabalho na diplomacia abre horizontes extraordinários para qualquer pessoa. “É a possibilidade de se abrir para outras culturas e outras oportunidades. A pessoa aprende a valorizar o diálogo, a entender o outro. A negociação

Em sua ascensão profissional, conquistou o mais alto posto que um diplomata de carreira pode almejar

diplomática ideal é aquela em que nenhuma das partes sente que perdeu. A negociação diplomática envolve vários aspectos e, um deles, é a confiança. A boa negociação diplomática resulta de uma relação de confiança entre os interlocutores”, sintetiza.

Outro benefício da carreira diplomática, segundo ele, foi ver confirmado o enorme potencial do País. “O Brasil é grande não só por seu território, não só por ser um dos países mais populosos do mundo, ou pelo potencial econômico de riquezas naturais que poucos países possuem, mas também porque conseguiu, através da sua história, desenvolver uma capacidade de atuação política e diplomática que transcendeu o próprio poder real do País”, destaca. Para ele, o Brasil é detentor de um significativo “soft power”. “Somos reconhecidos, do ponto de vista histórico, pelo equilíbrio, pela ponderação, pelo diálogo, pela facilidade de evitar atritos desnecessários, pela capacidade de entender o outro”, analisa. E essa característica, que tanto ajudou na carreira de Osmar Chohfi, é fundamental para a atuação do Brasil no exterior.

O DIÁLOGO COM OS PAÍSES ÁRABES

Quando exercia o cargo de secretário-geral que visitou o Líbano e a Síria pela primeira vez, para contatos nas áreas política e comercial. Em Beirute, foi recebido pelo presidente Emile Lahoud e pelo primeiro-ministro Rafic Hariri. Acompanhado por dom Damaskinos Mansour, visitou Balamand, que muito o impressionou pela beleza e significado histórico e religioso.

Na Síria, esteve com o chanceler Farouk al-Sharaa e outras altas autoridades, tendo visitado o patriarca Ignatius 4º Hazim. Foram viagens que tiveram para ele um significado pessoal muito especial.

Ao deixar a carreira diplomática, sua vocação continuou abrindo caminhos e conexões como membro do Conselho do Hospital do Coração (HCor) da Associação Beneficente Síria, membro do Conselho da Arquidiocese Metropolitana Ortodoxa de São Paulo e membro do Conselho Superior de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Atualmente, é na Câmara do Comércio Árabe-Brasileira que Osmar Chohfi exerce as habilidades diplomáticas, como vice-presidente de Relações Internacionais. Para ele, é inevitável que o Brasil tenha uma boa relação com o mundo árabe, já que uma parcela significativa da população brasileira carrega essa origem, seja ela síria, libanesa ou palestina. “Esse fator humano dá a base para uma relação bastante sólida”, observa.

Outro aspecto que envolve brasileiros e árabes é a correspondência entre o que o Brasil pode oferecer e o que o mundo árabe precisa. Hoje em dia, o Brasil é muito importante para a segurança alimentar dos países árabes. E dois temas que vão ter cada vez mais importância no futuro, além das questões climáticas, são a segurança alimentar e a disponibilidade de água. “O Brasil possui esses recursos para dar e vender”, admite.

O resultado é uma pujante troca comercial entre o Brasil e o mundo árabe, que alcançou em 2018 cerca de US\$ 20 bilhões, sendo US\$ 13 bilhões em exportações brasileiras e US\$ 7 bilhões em importações dos países árabes para os brasileiros. Mas a pauta comercial Brasil-Países Árabes precisa diversificar-se, já que ainda é muito centrada em commodities. Do lado do Brasil, proteína animal, como frango e carne bovina; e grãos, como soja, milho, açúcar, minério de ferro e alguns outros itens são exportados. “Porém, queremos vender produtos de maior valor agregado, além desses básicos, que asseguram um fornecimento estável de alimentos para o mundo árabe”, indica Chohfi.

Uma das oportunidades para o Brasil, de acordo com o embaixador, está na indústria farmacêutica. “Temos uma conhecida indústria de genéricos. Também há cosméticos, cerâmica, pedras, insumos para construção civil e café. Somos o maior produtor de cafés do mundo, mas ainda não exportamos o café processado para os países árabes, apenas o café em grãos. O mundo árabe até compra

Hoje em dia, o Brasil é muito importante para a segurança alimentar dos países árabes

o produto brasileiro processado, mas via outros países, como Alemanha e Itália”, ilustra. A Câmara tem atuado muito nessa área de diversificação de comércio para o mundo árabe.

Também se está fazendo o caminho inverso, trabalhando na ampliação das importações dos países árabes. Nesse sentido, as operações ainda estão muito concentradas em petróleo, gás, fertilizantes. “Isso é um aspecto interessante, porque a agricultura brasileira depende muito de fertilizantes e os países árabes são importantes exportadores desse insumo para o Brasil. Você tem aí um círculo quase que virtuoso. Eles exportam fertilizantes e nós exportamos a produção que tem esses fertilizantes como fundamentais”, relaciona.

O CAPITAL E A ALTERNATIVA CULTURAL

Além das transações comerciais entre os países, outra vertente é a atração de investimentos. “Dos dez maiores fundos soberanos do mundo, cinco são árabes. Então há uma disponibilidade muito grande de capital no mundo árabe, que o Brasil tem que aproveitar. O País tem projetos para isso e a capacidade de atrair investimentos desses fundos soberanos com o programa de privatizações e o programa de desenvolvimento da infraestrutura. Tudo isso pode atrair capital árabe”, alerta o embaixador. Esse foi um dos temas mais relevantes da recente visita do presidente Jair Bolsonaro aos Emirados Árabes, ao Catar e à Arábia Saudita. A CCAB integrou a missão empresarial organizada pela APEX. O papel da Câmara complementa a atuação da diplomacia brasileira. A Câmara sempre trabalhou em sintonia com o Ministério das Relações Exteriores e com todos os órgãos que atuam no comércio internacional, como a APEX.



No alto, o embaixador Osmar Chohfi junto à mulher, Kátia, na Embaixada do Brasil em Madrid, em 2005. Acima, o saudoso empresário Michel Chohfi com seu filho, o embaixador Osmar Chohfi, por volta de 1928

A área cultural também vem sendo priorizada entre as ações da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira. “Ao promover a cultura brasileira, também se está promovendo o comércio com o mundo árabe”, defende Chohfi. Recentemente, há um ano e meio, a Câmara promoveu a Semana Brasileira em um grande shopping na Arábia Saudita e a combinação do que foi levado em produtos e elementos culturais criou uma energia muito positiva. “A cultura brasileira atrai e ajuda na promoção do produto brasileiro. É um perfil completo do país”, ressalta.

A Câmara foi além e inaugurou este ano seu primeiro escritório internacional, em Dubai, para estar em um centro importante da área comercial e financeira do mundo árabe e poder projetar o Brasil nesse cenário. Como forma de aproximação, também foi iniciado o processo de associação de empresas árabes e, assim, a entidade intensificou a promoção de importações do mundo árabe para o Brasil. “ Fizemos recentemente aqui as Rodadas de Negócios para o Egito e para o Líbano, por exemplo. Estamos procurando ampliar o comércio nos dois sentidos e é por isso que estamos incentivando as empresas árabes a participar. Já estamos com mais de três dezenas delas associadas, em apenas três meses”, comemora.

O resgate da memória dos imigrantes é a mais recente bandeira da Câmara. Em uma parceria com a Universidade Espírito Santo, da Ordem Libanesa Maronita, a Câmara está resgatando a história da imigração árabe no Brasil. A instituição forneceu parte do equipamento técnico, a Câmara adquiriu a outra parte e agora uma sala da sede da entidade, em São Paulo, é dedicada a esse projeto. São duas pessoas trabalhando na missão de coletar informações de entidades e famílias e digitalizar o material que consta em revistas, jornais da comunidade, e uma infinidade de publicações de vários lugares do Brasil, inclusive em língua árabe. Já são mais de cem mil imagens digitalizadas em um banco de dados que vai ficar disponível gratuitamente para todos que se interessam pela história da imigração.

“Nosso propósito é conectar brasileiros e árabes para promover o desenvolvimento econômico, social e cultural. Estamos construindo o futuro através do comércio e da cultura”, conclui Osmar Chohfi. ■

FARAGE NADER



“Na igreja, no mesmo trajeto entre o colégio e a casa dos Nader, o garoto se ajoelhou no altar de Nossa Senhora e pediu que Ela fosse a sua mãe. É difícil contar essa história, mas ele adotou Nossa Senhora como mãe **aos oito anos**, espontaneamente”, conta emocionado o filho Charles

O libanês Nader Chehin Nader, conheceu em sua terra natal a mulher que viria a ser sua futura esposa, Hind Abdo Nader. Porém, antes do fato se concretizar, ela veio morar no Brasil, onde chegou na companhia de dois irmãos, um deles chamado Aziz. Para Nader não restou outra opção a não ser embarcar para o país distante e se encontrar com a amada. Eles se casaram em São Paulo, no Mosteiro São Bento e, entre os convidados, estava Chucuri Curi que, no futuro, seria o sogro do filho dos noivos, Farage Nader, que se casaria com a filha dele, Isabel Chucuri.

Na época, os irmãos de Hind chegaram a convidar Nader a permanecer no Brasil e se tornar sócio dos negócios na tecelagem que mantinham por aqui. Ele, entretanto, resistiu e disse não à proposta, alegando não trocar a água da fonte de Nossa Senhora pela fortuna do empresário Matarazzo, então já um imigrante bem-sucedido no país e símbolo das oportunidades milionárias que a nova terra oferecia aos estrangeiros que nela se aventuravam.

Assim, Nader e Hind retornaram ao Líbano e lá tiveram três filhos: Nagib, Mari e Farage, nascido em 1915, em Kobayat, no norte do país. Quando o bebê tinha apenas seis meses, uma tragédia marcou sua vida para sempre. Uma empregada da casa, considerada um membro da família, contraiu a influenza - conhecida por aqui como Gripe Espanhola - que fez vítimas em todo o mundo, tirando quase tantas vidas quanto outro flagelo da época, a I Guerra Mundial. Apiedada da moça que se

encontrava abandonada e sem alimentos, Hind foi cuidar dela. Acabou sendo infectada e morreu. Por isso, Farage nem chegou a conhecer a mãe, sendo criado pelo pai e pelo tio Aziz, que se aproximou muito da família depois do falecimento da irmã.

Na infância, o menino pouco sentia a falta da mãe, pois contava com uma família amorosa ao seu redor. Porém, quando atingiu idade escolar e foi estudar no colégio dos padres carmelitas, viu os outros alunos acompanhados das mães e se entristeceu. “Na igreja, no mesmo trajeto entre o colégio e a casa dos Nader, o garoto se ajoelhou no altar de Nossa Senhora e pediu que Ela fosse a sua mãe. É difícil contar essa história, mas ele adotou Nossa Senhora como mãe aos oito anos, espontaneamente”, conta hoje emocionado o filho Charles.

Farage manteve a devoção com muito fervor e de forma bastante verdadeira. “Durante a vida inteira ele orava e pedia tudo para Ela. Era a característica mais forte de meu pai. Ele realmente era um homem religioso que vivia o Evangelho e fazia da fé em Nossa Senhora um estandarte da vida. Era como se ele estivesse o tempo inteiro na presença Dela”, afirma.

A caridade e a humanidade cristãs formavam a base de sua existência, inspirando atitudes e valores. “O que meu pai me contava sobre esse período da infância, de como os cristãos viviam nas aldeias libanesas, era algo muito bonito e próximo dos ensinamentos de Jesus”, exalta. O altruísmo estava presente nos mutirões que se formavam espontaneamente quando, por exemplo, alguém precisava construir um quarto a mais porque outro filho estava a caminho. Também estava presente no costume de se visitar a família

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

O filho de Nossa Senhora

Mesmo antes de nascer, o destino de Farage Nader já estava traçado no Brasil. Quem conta essa história é seu filho, Charles Nader que, junto da mãe Isabel e das irmãs Rita e Kátia, falou à Carta do Líbano sobre o saudoso empresário do ramo de tecidos

“**Em sua chegada ao Brasil, em 1936, Farage permaneceu por 4 anos no Rio, auxiliando o tio na fábrica. O jovem praticamente moralizou o sistema de produção na empresa. Retirou banquinhos, que provocavam dores nas costas dos operários e tratou de disciplinar o sistema de trabalho**”

que perdeu um ente querido e, durante um mês inteiro, cuidar da casa para que ninguém tenha que se preocupar com a rotina diária. Segundo Charles, “tudo isso tudo é seguir a verdadeira mensagem do Evangelho”.

Em outra passagem, Farage contou ao filho que ele e o pai costumavam viajar em lombo de burro até a região montanhosa, durante o verão. Enquanto passavam, viam as pessoas dormindo na laje das casas, que não possuíam telhados. Certa vez, avistaram uma moça despida e o pai disse ao pequeno Farage: “Filho, não olhe. Você está roubando uma coisa que não é sua”. Na vida da aldeia, Nader Chehin atuava como um árbitro entre as pessoas, mas nunca como um chefe da tribo. “Havia muita harmonia entre todos”, resalta Charles.

Aos 12 anos, depois do colégio dos padres, Farage cursou uma escola em Trípoli. E o próximo passo recebeu a influência decisiva do tio Aziz, que a essa altura se encontrava radicado no Brasil. Na verdade, ele vivia entre Brasil, Líbano e França. Proprietário da tecelagem Aziz Nader - com fábricas em São Paulo e no Rio, além de um escritório em Paris - o tio patrocinou os estudos do sobrinho em Lion, na França. A “terra da seda” era o destino ideal para Farage realizar os planos de Aziz em suas empresas. Como o rapaz tinha apenas 17 anos, foi preciso falsificar o passaporte para ele poder sair do Líbano.

Em Lion, Farage viveu em uma casa de família, com direito à comida e um lugar para dormir. Como é costume na França, madame Emar, a dona da casa, servia vinho nas refeições. Na primeira refeição de Farage em sua casa, ela perguntou se ele já havia

experimentado a bebida. “Para não fazer feio, com o orgulho libanês, ele não iria dizer que não conhecia vinho”, admite Charles. Foi assim que Farage se tornou um apreciador e conhecedor de vinhos. Durante os 4 anos de estudos na universidade, ele passava as férias com o tio Aziz, que vivia em Paris com os filhos pequenos.

O “FRANCESINHO” DE CORPO FECHADO

Aos 21 anos, Farage chegou ao Brasil. O tio Aziz, que já possuía um negócio próspero, se viu ainda mais bem-sucedido por conta do naufrágio de um navio e de seu bom relacionamento com o Banco do Brasil. Na época, o espólio do navio foi leiloadado com o uma caixa de agulhas de tear, intactas, como bônus. Essas agulhas foram de grande serventia nas fábricas do empresário, que ainda hoje existem no Brasil, com mais de cem anos de história.

Em sua chegada ao Brasil, em 1936, Farage permaneceu por 4 anos no Rio, auxiliando o tio na fábrica. O jovem praticamente moralizou o sistema de produção na empresa. Retirou banquinhos, que provocavam dores nas costas dos operários e tratou de disciplinar o sistema de trabalho, que até então totalmente desorganizado e prejudicava a produção. “Em um primeiro momento, chegou a ser odiado pelos funcionários”, conta Charles. Um belo dia, Farage foi alertado por um colega também libanês: “Não entra porque eles fizeram magia negra no portão”. Havia um despacho de macumba, com cachaça, vela e galinha preta. Ele não se abalou. Viu que estavam todos na esquina, esperando para sua reação, e chutou o despacho longe. Dali em



Retrato do sheikh Pierre Gemayel na residência de Farage Nader: afinidade política e admiração mútua



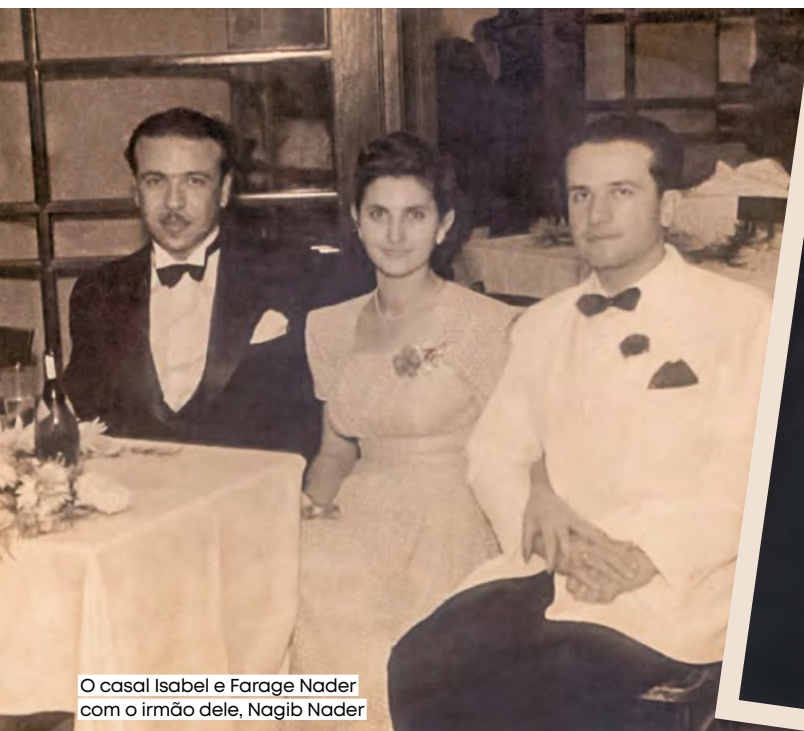
Hend, filha mais velha de Farage Nader, faleceu aos 18 anos devido a uma embolia pulmonar, logo após o nascimento da filha Kátia, em 1962



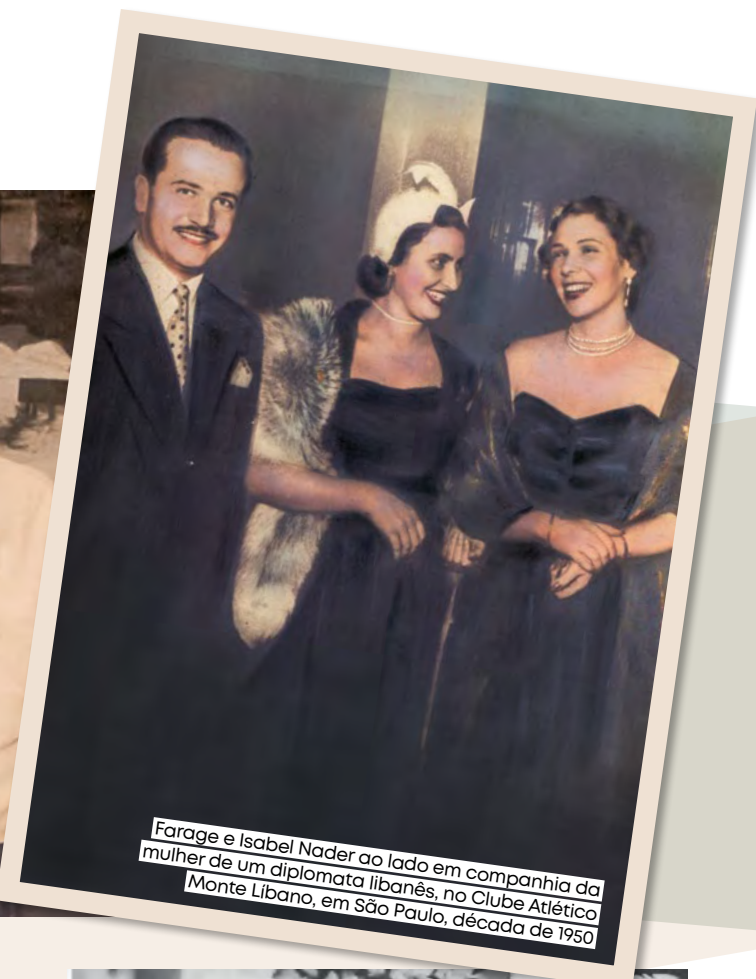
Farage em Lion, França, na década de 1930, onde concluiu os estudos com o apoio do tio, Aziz Nader

diante, conquistou o respeito dos funcionários, que chegaram à conclusão: “Esse ‘francesinho’ tem o corpo fechado”.

Na verdade, Farage tinha um plano em relação à produção. Ele acertou com os operários e com os sócios do tio (eram dois, que passavam mais tempo na França) de remunerá-los por produção. Eles receberiam o salário e um adicional pelo que ultrapassasse a média de produção. As medidas foram adotadas com a aprovação de todos. Para 1938 tratava-se de um modelo muito à frente de seu tempo. Só hoje se fala em pagar por produção com bônus. Mas os sócios do tio não gostaram: “Farage, você está louco. Eles estão ganhando 3,5 salários pela produção”. E ele se justificou dizendo que, além de ser o combinado com os funcionários, a fábrica também saía ganhando. “Mas eu sou só um funcionário. Façam o que vocês acharem melhor, porque estou me demitindo e vou enviar uma carta para o meu tio”, desafiou. Claro que os sócios imediatamente pediram que ele não fizesse isso,



O casal Isabel e Farage Nader com o irmão dele, Nagib Nader



Farage e Isabel Nader ao lado em companhia da mulher de um diplomata libanês, no Clube Atlético Monte Líbano, em São Paulo, década de 1950

concordaram em pagar o acertado e o sistema foi implantado com sucesso no Rio de Janeiro e, em seguida, em São Paulo.

Graças ao trabalho na fábrica e a um acidente, Farage acabou conhecendo a esposa, Isabel. Os dois se viram pela primeira vez em um hospital, quando visitavam Aníbal, irmão dela, que trabalhava no departamento de finanças da empresa. Durante um piquenique organizado pela empresa, Aníbal mergulhou em uma lagoa rasa e quebrou a coluna. Viveu quase 60 anos paraplégico, o que foi um grande golpe para seu pai, Chucuri Curi, uma vez que era o único filho homem da família. Durante uma das visitas ao paciente, Isabel e Farage se conheceram. “Gostei dele desde a primeira vez que o vi”, declara a viúva.

Depois do encontro, Farage convidou a moça para conversarem em uma praça. “Eu estava louca para falar com ele”, confessa Isabel. O pedido de namoro foi aceito na hora. Era 1942 e no ano seguinte eles se casaram. Tiveram três filhos: Hend, Charles e Rita.



O casamento de Farage e Isabel, em 1943

“ Farage, que saiu do Líbano aos 17 anos, nunca mais retornou à sua terra. Dizia que não queria dar ao pai o desgosto de visitá-lo rapidamente e não permanecer no país. Depois que seu pai faleceu, **não havia mais motivo** que o levasse novamente ao Líbano ”

A filha mais velha, Hend, se casou muito jovem e faleceu de embolia pulmonar logo após o parto da filha Kátia, em 1962, pouco antes de completar 19 anos. e ela tinha apenas 18 anos.

Charles conta que o cunhado fez um gesto muito generoso: “Ele passou a tutela de Kátia imediatamente para os meus pais e continuou morando com eles por 11 anos. Ele abriu mão da posição de pai, mas não abandonou a filha e continuou dando apoio a ela até partir para o Líbano”.

A INDEPENDÊNCIA NOS NEGÓCIOS

Apesar de toda a consideração pelo tio - uma verdadeira adoração - Farage que casado, e já com dois filhos - Hend e Charles - precisava decidir seu futuro. Apesar de diretor da tecelagem, era apenas um funcionário, sem possuir nenhuma ação da empresa. Sua preocupação era que se algo lhe acontecesse, nada haveria uma garantia para sua família. Conversou com o tio que o tranquilizou: “Fique sossegado. Você é como se fosse um filho”. Porém, Farage queria formalizar essa condição. Passaram-se seis meses e ele perguntou ao tio: “O senhor pensou naquele assunto?”. E a resposta foi: “Querido, não se preocupe. Vamos dar uma solução”.

Passaram-se mais seis meses e Farage pediu demissão. Logo depois, ele e o irmão Nagib compraram uma fábrica no bairro do Tatuapé, em São Paulo, no final dos anos 40. A empresa foi batizada Tecelagem Nossa Senhora do Líbano. Um representante comercial, que gostava muito de Farage, alertou: “Por que o senhor não muda esse nome? Temos muitos clientes judeus e de outras religiões”. Mas Farage manteve o nome, disse que

havia possibilidade de trocá-lo. A empresa continuou existindo, com o mesmo nome, até 1969.

Depois disso, Farage se aposentou e declarou: “Tudo o que fiz na minha vida eu levei com muita seriedade e a aposentadoria também vai ser assim”. Passou então a se dedicar à sua maior paixão, a leitura. “Papai era um autodidata. Um homem muito culto que se interessava por religião e conhecia profundamente História: da Europa, do Oriente e sobre as religiões em geral. ele estudou o Islamismo, os muçulmanos e as mudanças depois dessa nova interpretação do Alcorão que, ele dizia, não estar correta pois levou ao fanatismo. Mas sempre ressaltou ter uma relação muito harmoniosa com os muçulmanos”, observa o filho Charles.

Farage, que saiu do Líbano aos 17 anos, nunca mais retornou à sua terra. Dizia que não queria dar ao pai o desgosto de visitá-lo rapidamente e não permanecer no país. Depois que seu pai faleceu, não havia mais motivo que o levasse novamente ao Líbano.

Isso, entretanto, não significa que ele tenha se desligado de seu país. Ao contrário, permaneceu acompanhando os acontecimentos de lá. Assinava um jornal diário e uma revista mensal libaneses. E chegou a se aproximar de Pierre Gemayel, fundador das Falanges Libanesas, partido nacionalista, fundado em 1936. Farage se identificou muito e se correspondeu com Gemayel, embora nunca tenham se encontrado pessoalmente. “Ele tinha uma posição muito firme e não abaixava a cabeça para ninguém quando o assunto era o Líbano. Era muito corajoso e todo mundo sabia que a paixão dele era o Líbano”, conta Isabel.

“Firme nas posições, suave com as pessoas. Nunca ninguém da família o viu agredir ou destratar quem quer que fosse, mesmo um opositor político ou alguém que cometera alguma falta. “Ele era regido pela **dignidade e honestidade**. Uma pessoa que só deu o exemplo e fez tudo correto durante a vida...”

Firme nas posições, suave com as pessoas. Nunca ninguém da família o viu agredir ou destratar quem quer que fosse, mesmo um opositor político ou alguém que cometera alguma falta. “Ele era regido pela dignidade e honestidade. Uma pessoa que só deu o exemplo e fez tudo correto durante a vida. Ele não era um pai que deixava passar as coisas. Era um pai carinhoso, amoroso e correto”, recorda a viúva.

O PAI QUE JAMAIS DISSE “NÃO”

A forma de educar de Farage Nader também era sui generis, porque ele nunca dizia “Você não vai fazer isso, porque eu não quero”. Ele sempre explicava por quê. E quando um filho vinha com uma demanda que ele sabia que não ser boa, dizia que não se pode confundir o que é normal com o que é comum. “Em uma cidade do Egito, todas as pessoas têm doença na visão por causa da sujeira. Então, é comum, mas uma doença nunca é o normal. O que você está me falando não é normal, mas você decide se vai fazer ou não”, advertia.

Ele fazia os filhos entenderem que eram responsáveis por seus próprios atos, dando instrumentos para eles decidirem. Como conta a filha Rita: “Eu perguntava ‘Pai, posso ir em tal festa?’. Ele nunca disse ‘eu te proíbo’. Dizia que eu podia ir mas ficaria feliz se eu não fosse, porque lá não era um bom lugar e as companhias não eram conhecidas. Conclusão: eu não ia”, admite. Farage contava com o desejo dos filhos em agradá-lo e, ao mesmo tempo, queria que eles soubessem a diferença entre o bem e o mal. “Ele sempre foi um homem muito íntegro”, ressalta Rita.

Também não era um machista. Para Farage, não tinha aquela coisa de que o filho homem vale mais do que a filha. “Quando eu nasci, foi um frisson na família, principalmente entre as tias, as irmãs da mamãe. ‘Nasceu um menino, vamos estourar champagne’, disseram. Ele perguntou: ‘Estouraram champagne quando a Hendinha nasceu? Sim. Então, vamos estourar agora também.’ Porque ele não via diferença entre os filhos. A gente vê muitas famílias em que as irmãs não gostam dos irmãos, porque não dividiram a herança e foram desprezadas, uma coisa atrasada. Mas papai estava muito à frente de seu tempo”, orgulha-se Charles.

A liberdade trazia responsabilidade e uma grande exigência com relação aos filhos. “Por exemplo, quando eu fui fazer Engenharia, achava que não iria entrar na Poli, que era da USP, com vestibular muito difícil, e ele disse: ‘Filho, tenho certeza que você vai entrar.’ E aquilo se tornou uma obrigação, sem que ele tivesse me cobrado. Ele mostrava a expectativa alta e, com isso, a gente tentava se superar para agradar”, recorda.

O amor e a doação de Farage à família também deixaram sua marca na neta Kátia, criada como filha pelo avô. “Sou muito ligada a ele, tanto que, quando fiz faculdade, tinha medo de dirigir, e ele me levava todos os dias de carro e me esperava por cinco horas. Quando me formei, ele também recebeu os parabéns de várias pessoas porque praticamente fez faculdade comigo”, conta a neta com humor. “Meu avô foi uma pessoa ótima, de caráter irreparável e todas as coisas boas que aprendi foram com meus avós, Farage e Isabel”, destaca saudosa do velho Farage, falecido em 2005. ■



Os avós Farage e Isabel Nader com os netos, no jardim da casa da família, em São Paulo

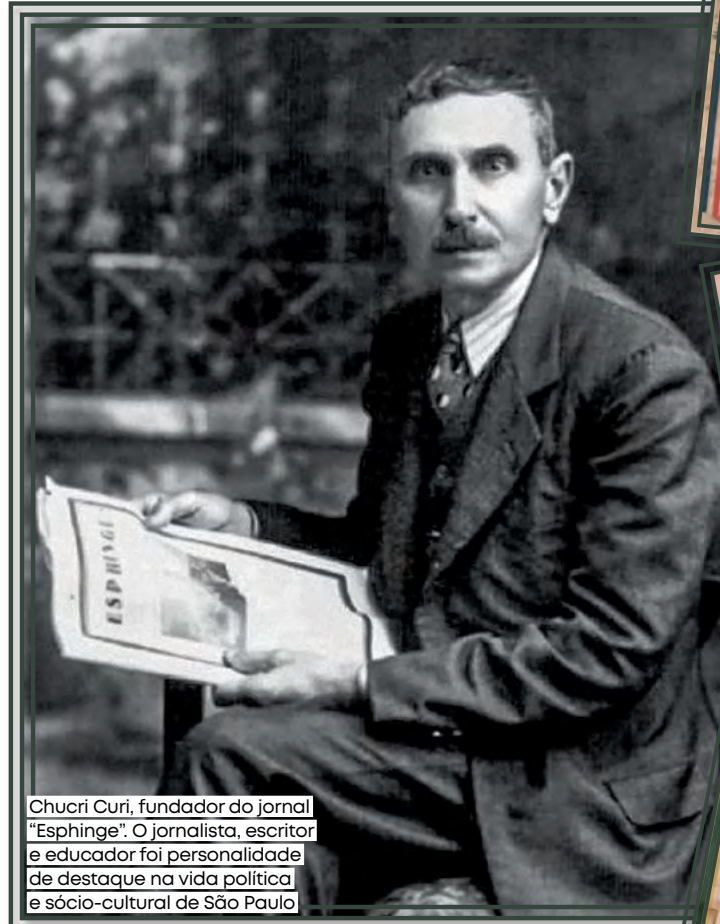


Dona Isabel Nader fala a Fouad Naime, editor de Carta do Líbano, com os filhos Kátia, Rita e Charles



Farage e Isabel Nader comemoraram Bodas de Ouro cercado pelos filhos e netos, em Águas de Lindóia - o lugar que ele dizia lembrar-lhe as montanhas do Líbano

CHUCRI CURI



Chucri Curi, fundador do jornal "Espingue". O jornalista, escritor e educador foi personalidade de destaque na vida política e sócio-cultural de São Paulo



Informação e cultura fazem diferença

Na primeira edição de 2020, Carta do Líbano presta homenagem a um profissional que fez história na imprensa brasileira do século passado. Em reedição atualizada, publicamos uma matéria escrita há 10 anos sobre o homem conhecido como o maior jornalista libanês fora do Líbano



A casa de Chucri Curi, no Tatuapé, era uma espécie de consulado libanês informal em São Paulo

Nascido em em Bikfaya, distrito libanês de Metn, em 15 de novembro de 1870 - filho de Abdalla Curi e Martha Hagge Curi - Chucri Curi deixou sua cidade natal ainda muito jovem. Aos 25 anos desembarcou no Brasil, país onde mais tarde concretizaria sua campanha nacionalista realizada no Líbano e no Egito. Na verdade, antes de chegar ao Brasil, ele passou algum tempo no Egito. “Infelizmente a família não tem dados certos sobre esse período em sua vida, mas deve ter sido pouco tempo antes de vir para cá. Lembro de minha avó dizendo que meu avô saiu do Líbano devido à perseguição dos turcos, contra os quais ele sempre fez campanha, criticando a ingerência destes em seu país”, comenta hoje a neta Rita Nader. O que se sabe é que Chucri, em sua passagem pelo Egito, teria ficado sem dinheiro. Para evitar a vergonha de ter que voltar para o Líbano e pedir dinheiro à família para poder viajar para o

Brasil, ele teria trabalhado como fotógrafo de turistas e viajantes, até conseguir o valor da passagem. Afinal, na época o Egito já era um dos destinos mais visitados no mundo.

Curi iniciou a vida brasileira no Jornalismo trabalhando em periódicos de São Paulo, sem abandonar o trabalho comercial de importação de tabaco e na fabricação de cigarros. Em 1º de maio de 1906, fundou o jornal “Espingue”, passando a se dedicar integralmente ao que mais gostava, a comunicação.

No ano seguinte ele voltou a seu país para se casar com Matilde Hagge Nassar - nascida em 16 de abril de 1889 - filha de Miguel Hagge Nassar e Yasmin Hagge Nassar, tradicional família de Bikfaya. Vieram morar no Brasil e aqui nasceram os filhos Hend, Najla, Aníbal, Salma e Isabel.

Jornalista, escritor e educador, Curi viu ao longo da vida suas obras serem adotadas no Líbano, em colégios Jesuítas, Lazaristas e demais estabelecimentos de ensino. Seu trabalho também

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

“Como educador, Chucri Curi recebeu do governo francês a medalha de Instrução Pública da República, em 1923. Nesse mesmo ano, foi nomeado representante do Líbano junto ao **Consulado da França** em São Paulo”

foi reconhecido no Brasil, onde sua enorme cultura e capacidade de ensino foram utilizadas para estreitar o intercâmbio entre os dois países e seus povos.

Entres suas principais obras, escritas em árabe, estão: “Registro Indelével”, “Marcha através de uma Terra Feliz”, “Oh! Coitado de Zaiter”, “Fenianos”, “Um dia na Vinha”, “Em busca da Verdade”, “Pela Pátria”, “Espada de dois Gumes”, “Universidade Americana”, “Mandato Francês”, “Pequena Granada”, “Sentimentos Personificados”, “Conversa pelo Telefone”, “Nosso Monte é o Senhor das Montanhas” e “O Primeiro Passo da Língua Portuguesa”, um tributo à pátria adotiva, berço de seu filhos e descendentes.

Como educador, recebeu do governo francês a medalha de Instrução Pública da República, em 1923. Nesse mesmo ano, foi nomeado representante do Líbano junto ao Consulado da França em São Paulo. Pelo muito que fez em prol de sua terra natal, recebeu a condecoração de Grande Mérito do Líbano, em 1930. Foi membro da Associação Paulista de Imprensa e, em 1938, recebeu das mãos do presidente da entidade, Guilherme de Almeida, o Diploma do Mérito. Na Sociedade Maronita de Beneficência, a cujo quadro social fazia parte, Curi se dedicou a manter e a desenvolver a entidade.

CÔNSUL INFORMAL DO LÍBANO

“Meu pai veio para o Brasil com o desejo de criar um jornal fora do Líbano, onde já colaborava com a imprensa local e era bastante conhecido. Seu objetivo era ampliar o alcance e os horizontes da

causa libanesa”, diz hoje sua filha dona Isabel Curi Nader, aos 98 anos. Ela conta que Chucri primeiro se estabeleceu no centro da cidade, porém se transferiu para o Tatuapé quando soube lá havia um italiano, chamado Caetano, construtor de casas que oferecia imóveis para imigrantes.

Foi no endereço da rua Filipe Camarão que a família Chucri Curi cresceu, enquanto no escritório montado no porão da casa, o jornalista editava o “Espingue” - escrito em árabe e publicada por 36 anos, até a morte do fundador - que era impresso em gráfica própria, localizada na rua Formosa.

Pelo envolvimento dele com a imprensa e os assuntos relacionados a seu país de origem, a casa da família se tornou um ponto de encontro da comunidade libanesa, dos imigrados que chegavam, de jornalistas, escritores e intelectuais. Há quem afirme que a primeira versão da bandeira libanesa foi criada no imóvel paulistano, onde Chucri Curi mantinha, em todas as janelas, mastros para hastear as bandeiras do Líbano e do Brasil. A casa era vista como uma espécie de consulado libanês informal na cidade.

Quando o presidente Getúlio Vargas proibiu a circulação de jornais em língua estrangeira no País e determinou a nacionalização das escolas, em 1942, ele encerrou as atividades do “Espingue”, porém enviava os artigos do periódico para Buenos Aires, onde uma página era publicada em uma publicação argentina. Dona Isabel conta que o pai também era colaborador do “Al-Mursal”, jornal libanês publicado na capital do Prata.



Chucri e a mulher, Matilde, com as filhas Hend e Najla



A pintora Hend Curi visitou o Líbano em 1949 como representante da arte brasileira



Isabel Nader, 98 anos, filha caçula de Chucri e Matilde Curi, lembra a trajetória de seu pai



Chucrí Curi homenageado com inauguração de seu busto em praça, em sua cidade natal, Bikfaya. Na primeira fila aparece o saudoso sheikh Pierre Gemayel

O presidente do Líbano, Camille Chamoun, na homenagem a Chucrí Curi em agosto de 1958

“Todas as quintas-feiras meu pai recebia seus colaboradores e alguns de intelectuais para um almoço em nossa casa - tudo preparado pela minha mãe. Esse grupo se autoproclamava **Zouaran al-Adab**, ‘Malandros da Literatura’”

A MAIOR RIQUEZA DE CHUCRI CURI

Chucrí e Matilde Curi tiveram cinco filhos. Todos estudaram no Collegio Syrio Brasileiro, do professor Wadih al-Yazigi, conforme conta dona Isabel, a mais nova entre os irmãos. Ela se lembra, inclusive da competente professora Nazmat, mulher de Sheikh Wadih. Fundado em 1917, na rua Maria Antônia, o colégio foi posteriormente transferido, em 1920, para o n.º 100 da Avenida Paulista.

Hend, que se tornou artista plástica, visitou o Líbano em 1949 como representante da arte brasileira, levando várias obras de diversos artistas. Ela presenteou o então presidente, Bechara al-Khoury, com uma tela que ainda se encontra no Palácio Presidencial, em Beirute. Ele a agraciou com a condecoração do mérito libanês. Hend se casou com Said Abujaode, com quem teve três filhos: Emil, Clarice e Yasmin.

Outra filha, Najla, casou-se com Nagib Izar, natural de Jdita, no Líbano. São seus filhos Rachel, Roberto e o saudoso advogado e deputado federal Ricardo Izar, de grande projeção na política de São Paulo. Ele estava escrevendo a biografia do avô, Chucrí - como disse à reportagem de Carta do Líbano - porém sua morte súbita interrompeu esse projeto valioso de registro de uma fase importante da imigração libanesa no Brasil.

O filho Aníbal, sofreu um grave acidente de consequências trágicas: durante um passeio ao Lago de Vila Galvão, na Grande São Paulo, em 1942, ele mergulhou, quebrou a coluna e ficou

paraplégico. Fato terrível que afetou toda a família e abalou a saúde do pai, Chucrí.

Salma Chucrí casou-se com Maurício Tawil, natural de Burj al-Barajne, Beirute. E dona Isabel é esposa do líder e patriota Farage Nader, da cidade de Kobayat, norte do Líbano. Seus filhos são Hend, Charles, Rita e Kátia. “Todas as quintas-feiras meu pai recebia seus colaboradores e alguns de intelectuais para um almoço em nossa casa - tudo preparado pela minha mãe. Esse grupo se autoproclamava Zouaran al-Adab, ‘Malandros da Literatura’. Eles discutiam assuntos ligados ao Líbano e à comunidade libanesa, entre outros”, conta, emocionada com as lembranças da vitoriosa trajetória do pai no Jornalismo.

Durante o domínio francês, quando Chucrí Curi foi nomeado representante do Líbano junto ao Consulado da França, em São Paulo, ele recebia os patricios para orientá-los e ajudá-los em seus problemas. Acontece que, naquele tempo, um cônsul francês na cidade tratava os libaneses com discriminação e desprezo. Os imigrantes faziam então queixas a Chucrí, sobre os maus tratos por parte da autoridade francesa. Indignado com a situação, ele exigiu satisfações do cônsul francês e o alertou-o sobre a conduta incorreta. “Meu pai teve que visitar a Embaixada da França, no Rio de Janeiro, na época a capital federal, e conseguiu a demissão do diplomata que discriminava seus conterrâneos libaneses”, lembra dona Isabel Nader, com muito orgulho. ■

TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA

Nesse mesmo ano, em 22 de agosto, Chucrí Curi morreu, vítima de um mal súbito. Sua morte causou consternação na comunidade líbano-brasileira em São Paulo. O jornalista Corrêa Junior escreveu na época: “Ele deixou para todo o sempre as plagas terrenas, levando para a eternidade a láurea de maior jornalista libanês fora do Líbano. Seu nome, sua figura brilhante, seus ideais imorredouros estão agora na praça principal de Bikfaya perpetuados no bronze glorioso. Tenho a certeza de interpretar o sentimento sincero de todos os meus colegas de imprensa e dos libaneses que lhe conhecem os grandes serviços prestados às causas do Brasil e do Líbano, deixando aqui consignada a expressão do nosso profundo respeito e da nossa altíssima gratidão à memória de Chucrí Curi”.

Devido à dedicação à comunidade libanesa no Brasil e à causa libanesa durante o domínio turco e o mandato francês, Chucrí Curi recebeu uma grande homenagem em seu país. No dia 26 de agosto de 1958, o chefe do governo libanês, o presidente Camille Chamoun inaugurou um busto de bronze do jornalista na praça principal da cidade onde ele nasceu.

O evento contou com a presença de ilustres personalidades grande público. A filha do jornalista, Hend Curi Graieb, o escritor e amigo, Osvaldo Gomes Cardim, e o artista Júlio Guerra, autor da escultura - executada em São Paulo - também estiveram presentes. A homenagem foi encomendada por uma comissão constituída por José Elias Cheble, pelo jornalista Michel Jabour Curi e por Antônio Gebara, Michel Assad, Nagib Arab, Gabriel Simão, Nemi Aena, Daud Saad e Nagib Scaff.

“Durante 44 anos lidou Chucrí Curi no jornalismo bandeirante, dirigindo ‘Esphinge’, jornal que foi ao seu tempo a bandeira sob a qual se abrigou, entre nós, a colônia libanesa. Foi ele, segundo a feliz expressão de alguém, o elo fortíssimo ligando o Líbano ao Brasil, encurtando distâncias, mitigando saudades”, nas palavras de Corrêa Junior.

Infelizmente as edições de “Esphinge”, encadernadas anualmente pela esposa de Chucrí, Mathilde, e por ela doadas a uma instituição de propriedade do ex-presidente Amin Gemayel, em Dbayeh, ao norte de Beirute, foram destruídas quando o local sofreu um bombardeio.

FUAD ZEGAIB



Fuad Namen Zegaib, o Dinho, dono do célebre restaurante Dinho's Place, em São Paulo

Toque de Midas

Empreendedorismo, bons relacionamentos e boa sorte: assim pode ser definida a trajetória de Fuad Zegaib, o Dinho, dono do renomado restaurante Dinho's Place. Filho dos libaneses, Namen Zegaib e Agia Laham, ele nasceu na mais paulista das avenidas, hoje centro financeiro da capital, e cedo manifestou grande habilidade para os negócios



Fuad Namen Zegaib e seu filho Paulo Sérgio: tradição em família

A história começa em Bebedouro, no interior paulista, onde Namen Zegaib, pai de Fuad Zegaib, começou a vida, junto com o seu avô Nicolau Laham, com uma loja de armarinhos.

Algum tempo depois, a família de mascates decidiu vir para São Paulo, onde abriu uma loja na rua General Carneiro com o nome de Casa Lima. A empresa chegou a ter duas filiais, mas infelizmente não prosperou. “Na ocasião eu já era um estudante de 18 anos e comecei a trabalhar, sem experiência, primeiro na Swift e depois na Varig. Nessa última, lembro que tinha que ir de terno azul, mas como na época o aeroporto não tinha asfalto e eu voltava para casa com o terno marrom”, brinca Fuad.

O pai tinha perdido tudo e ele ajudava em casa. “Meus amigos eram ricos, filhos de banqueiros e eu trabalhava num banco como arquivista, no meu primeiro emprego, arranjado pelos meus tios. Eu não sabia fazer nada, era um emprego de favor. Mas logo de cara aconteceu uma coisa

muito boa. Naquela época, o banco premiava quem conseguisse melhor quantidade de depósitos com três prêmios, ou seja, três salários mínimos. O segundo colocado ganhava dois prêmios e o terceiro recebia um prêmio. Eu ganhei o primeiro e, com muita alegria, entreguei todo o dinheiro para a minha mãe, inclusive o meu salário, para sustentar a casa e meus irmãos, hoje já falecidos, Alice e Aniz”, diz ele.

O jovem Zegaib continuou estudando e fazia ginástica em casa, halterofilismo. Em 1951, juntamente com um amigo, decidiu abrir a primeira academia de ginástica no Brasil, na rua Bela Cintra, em São Paulo. Chamava-se Atlas, uma referência a um atleta que usava esse nome. “Cheguei para a minha avó materna, Zakia, e pedi dinheiro emprestado, um valor daquela época que não me recordo, para pagar mil por mês. Ela me emprestou 20 mil e quando fui pagar a primeira parcela ela me disse para guardá-la e pagar tudo de uma vez, ao fim da dívida. A academia estava indo bem e, após 20 meses, minha avó me disse que a quantia era um presente”, recorda.

“No Dinho’s a qualidade dos alimentos é controlada por pai e filho. As carnes são o carro-chefe da casa e, de vez em quando, servem comida libanesa também, como tabule, homus, coalhada e babaganuche”

A REGISTRADORA DA SORTE

O empreendimento durou quatro anos, mas a criatividade pulsava e Zegaib criou a primeira casa de lanches do Brasil, numa época em que só se encontrava bares pelas ruas da capital, geralmente de portugueses, e restaurantes franceses e italianos. Com o nome de “Simbad, o marujo”, a casa ficavam na conhecida rua Augusta e foi sucesso absoluto, segundo ele, pelo ponto e pelo tipo de restaurante, com equipe e comida muito boas. “No dia em que abri a casa, meu tio Azar, da Casa Lima, me presenteou com a máquina registradora dele, dizendo que ela dava sorte e que eu teria sucesso. E assim foi. Em contrapartida, eu também os ajudei quando precisaram. A casa “Simbad, o marujo” funcionou de 1954 a 1959, época em que Zegaib se casou com a namorada da adolescência, Hermínia Pelegrini, neta de italianos, com quem teve três filhos: Paulo Sérgio e as meninas Silméa e Suzel.

Nos próximos passos, no entanto, ele não se deu bem: abriu uma indústria de estofados, mas como ele mesmo avalia, quem foi dono de casa de lanches não servia para tomar conta de indústria de estofados. Ele não se deu por vencido e começou a trabalhar em uma empresa de ferramentas pneumáticas, vendendo compressores para as indústrias. Mas, apesar do esforço, também fracassou na atividade.

“Um dia, conversando com o cunhado, fiquei sabendo que ele tinha uma casa na alameda Santos, na capital, que estava fechada. Chamava-se Espeto de Ouro. Só que eu não tinha condições de comprar porque o meu dinheiro tinha acabado. Peguei dinheiro emprestado, o suficiente para

comprar a casa, que a essa altura estava sendo vendida por um preço baixo. Ela era muito pequena e trabalhávamos eu e minha mulher, um cozinheiro e um primo dela que veio do interior, garoto ainda. Na vizinhança havia três restaurantes famosos: Dom Fabrizio, Bambi e Miami. Mas não me intimidaram. Logo que abrimos, criei um sanduiche que levava espetinho de file e camadas de bacon num pão de Hot Dog, o que não era comum, com molho vinagrete semi-doce. Naquela ocasião dei um nome muito interessante, Bossa Nova. O sucesso foi tamanho que tinha dia em que vendíamos mil unidades. Mesmo assim eu continuava com pouco dinheiro porque tinha de pagar as pessoas para quem eu devia”, conta.

AS CASAS DO DINHO

O movimento crescia e o espaço necessitava de expansão. Zegaib foi conversar com o proprietário do terreno vizinho, já explicando a situação e perguntando se estaria disposto a alugar. O sr. Labate quis saber o que o jovem empreendedor pensava em fazer no local e ele explicou que gostaria de construir um terraço bonito, banheiros, ampliar a área. O proprietário pediu um projeto, o que foi feito rapidamente por um amigo arquiteto. Labate gostou, achou que ocuparia bem o terreno e assumiu a construção. Só faltavam os móveis. “Minha sorte continuava impecável. Expandi e passei a fazer mil couverts aos sábados e domingos. Dia de semana eu fazia menos, mas chegava aos 25 mil couverts no total. Era maravilhoso”, exulta.

Dos três restaurantes vizinhos, Bambi e Dom Fabrizio fecharam com o tempo e o Miami teve a infelicidade de pegar fogo, justamente quando



Fuad Namen Zegaib entre a filha, Silméa, e a mulher, Herminia Pellegrini Zegaib



O clã Zegaib em visita ao Líbano, em 2019: Paulo Sérgio, Fuad, Herminia, Silméa, Suzel, e Roberto Maggi

“Dinho’s tem um sistema de maturação de carne **exclusivo**: ela chega no vácuo, inteira, fica 30 dias descansando, depois cortamos e servimos. Temos um controle perfeito do vencimento da carne..”

Zegaib inaugurou a ala nova. O Miami era bem-sucedido há mais de 20 anos, mas ficou pelo menos cinco meses fechado para reforma após o incêndio. “Ganhei toda a clientela dele e soube aproveitar: passei a fazer algo tão bom, ou melhor. Tínhamos de tudo, pizza, sanduíche, carne. Faltava apenas mudar o nome do restaurante, Espeto de Ouro. Foi então que um cliente sugeriu Dinho’s Place, a casa do Dinho. Era o meu apelido e achei que caía bem. Além disso, era algo inédito no Brasil usar o apóstrofo no nome comercial. O ano era 1962. Mudei o nome e o sucesso da casa foi maior ainda”, comemora.

Conversando com o amigo Romeu Chap Chap, engenheiro e construtor, frequentador do restaurante, Dinho comentou que sentia necessidade de fazer algo diferente na casa. O amigo então sugeriu uma casa de carnes, de churrasco. A ideia tomou vulto e virou projeto de Chap Chap. O restaurante já contava com uma área externa e ali foi feita a churrasqueira, envidraçada, de frente para a rua. O resultado foi muito positivo, segundo Dinho. As pessoas gostavam de ver o preparo do churrasco, o que era uma excelente propaganda.

“A casa ficou pequena novamente. Era a “coqueluche” de São Paulo frequentar o Dinho’s. A essa altura fui comprando propriedades entre a rua Rafael de Barros e a alameda Santos e assim comecei a ter um restaurante à altura do nome Dinho’s na ocasião. Mas não foi fácil. Passamos por diversas crises e tivemos que enfrentá-las. O ex-presidente Fernando Collor nos deixou com 50 cruzeiros no banco. Tive que fazer uma reunião com meus empregados, mostrando a

situação e avisando que eu pagaria os salários posteriormente. Felizmente, deu tudo certo, todo mundo ajudou. Assim fomos caminhando, passando por todas as crises, fazendo propaganda e ficamos muito bem”, relembra.

A primeira filial do restaurante foi instalada no Morumbi, em uma casa grande e bonita, em um ponto sem concorrência na região da avenida Morumbi, perto da ponte da Marginal. Os clientes do Morumbi e os alemães de Moema frequentavam muito a casa, e o investimento foi bem-sucedido. A terceira casa foi aberta no Largo do Arouche, por causa de um concorrente que surgiu na avenida Santo Amaro, fazendo frente ao restaurante do Morumbi. “Foi uma briga boa. Fizemos concorrência, cada um com três casas. Mas foi uma época problemática porque que nosso couvert caiu em 20% ou 30%. O restaurante é uma indústria: se fatura, ganha dinheiro. Se não ganha ou perde dinheiro, não atinge o ponto de equilíbrio. Mas nós superamos tudo isso e hoje estamos bem”, garante.

CARNE FORTE

No Dinho’s a qualidade dos alimentos é controlada por pai e filho. As carnes são o carro-chefe da casa e, de vez em quando, servem comida libanesa também, como tabule, homus, coalhada e babaganuche. Mas o restaurante tem algo interessante: a maioria das coisas que se cria ali é imitada, segundo Zegaib. A mussarela de búfala é um exemplo. Ele já tinha visto servirem na Itália, mas ainda não oferecia no restaurante. Um amigo napolitano, dono de uma rotisserie em São Paulo, foi quem começou a fornecer a ele e o produto foi mais um sucesso. Outro exemplo aconteceu com a



costelinha de porco. Um dia Zegaib foi convidado a visitar a Sadia, pois queriam convencê-lo a comprar peru para fazer na brasa. Mas ao passar pela área industrial, ele viu um funcionário salgando uma costelinha de porco, um subproduto usado para fazer outros. Pediu imediatamente uma caixa, sem sal, para testar no restaurante e deu certo. Hoje em dia é algo comum em todos.

No Dinho’s, melhorar o atendimento é palavra de ordem. Em certa ocasião, saturados de servir carnes com o uma pequena salada na mesa, decidiram fazer um buffet de saladas e conseguiram melhorar ainda mais o atendimento da casa, pois o cliente consumia as saladas e pagava só pela carne. A ideia é sucesso até hoje, segundo Zegaib, com o buffet ainda mais completo. Outra criação foram os pratos, em louça retangular ou oval, numa época em que nenhum restaurante usava algum prato que não fosse redondo. A ideia veio da França, onde ele saboreou um T-Bone Steak num restaurante perto da Torre Eiffel, em prato retangular. Dinho logo quis reproduzir a ideia no Brasil e encomendou

ao fabricante, justamente para servir o T-Bone no restaurante. Deu certo e hoje usam esses pratos em formato diferente para salada, peixe, alguns tipos de carne.

Hoje há dois tipos importantes de pão em churrascaria: pão de polvilho e pão de queijo. O de polvilho foi criação do Dinho’s, segundo Zegaib, assim como o buffet de antepasto, hoje com presunto espanhol, salame italiano, queijo brie, entre outros, que complementa o buffet de saladas. “Mesmo nas carnes, alguns cortes foram criados por mim e hoje todo mundo faz. Temos a melhor carne de São Paulo e eu vou dizer o motivo: quando comecei a trabalhar, comprava carne comum. Um dia, um amigo, diretor da antiga Swift, me pediu para servir o presidente da Swift Internacional, mas avisou que enviaria a carne. Era do gado Santa Gertrudes, de uma fazenda em Rancharia, no interior paulista, de propriedade da empresa. Quando vi a carne não queria mais as outras. Acontece que a Swift não vendia para restaurantes, só para açougues, e consegui o produto somente um ano depois. Era uma carne especial e foi um sucesso. Já comecei com diferenciação de carne em relação aos outros restaurantes. E assim foram as coisas. Sempre inovando, sempre criando”, afirma.

A descoberta da evolução das carnes veio ao encontro das buscas do empreendedor por coisas diferentes para oferecer aos clientes. Um amigo que frequentava a casa era funcionário de uma fazenda e fazia a separação dos bois, a maturação da carne e enviava ao frigorífico para o abate. Era uma carne japonesa, feita pela Yakult, e chama-se Wagyu. É tão famosa e tão cara, que hoje é vendida no Japão a 500 dólares o quilo. “Consegui comprar essa carne, mas como um Wagyu 3/4 e Angus 1/4, própria para nós, brasileiros, totalmente macia. Ela vai da fazenda para o frigorífico, que conta com uma estrutura especial para deixá-la maturada, ótima para servir. E o Dinho’s tem um sistema de maturação de carne exclusivo: ela chega no vácuo, inteira, fica 30 dias descansando, depois cortamos e servimos. Temos um controle perfeito do vencimento da carne e ela fica com uma maciez inigualável”, garante. “E assim vem sendo a sequência de coisas boas que aconteceram na minha vida”, conclui o empresário. ■

ADEL AUADA



Adel Auada é advogado e construiu, durante 50 anos, invejável trajetória profissional no setor brasileiro do turismo

PASSAGEM PARA UM MUNDO SEM FRONTEIRAS

Viajar e empreender são elementos muito presentes na cultura libanesa. Essa é a visão de Adel Auada, advogado e profissional do turismo que uniu o útil ao agradável, preservando os valores libaneses e levando o nome do Brasil para o mundo

Para que o empresário de turismo Adel Auada nascesse no Brasil, seus antepassados tiveram de enfrentar adversidades, desencontros e reencontros. Como conta o próprio Adel: “Said Khairalla, meu avô materno, saiu de Mimes, sul do Líbano, e chegou ao Brasil em 1892. Aqui já se encontrava seu irmão Feres, desde 1888. Trabalharam juntos na região paulista de Brotas, Dois Córregos e Torrinha. Voltaram ao Líbano no começo do século passado. Said casou-se em Mimes com Lamia Azem e tiveram quatro filhos: Odette, Fuad, Farid e Michel. Em 1925, ele voltou para o Brasil com toda a família”.

O pai de Adel, Elias Auada, chegou ao Brasil com 20 anos, também vindo de Mimes, em 1923. Trabalhou inicialmente na capital paulista e depois mudou-se para Monte Alto, no interior, onde havia uma concentração de imigrantes da mesma região de onde ele viera.

Elias casou-se com Odette, filha de Said Khairalla, em 1931 e foram morar em Monte Alto. Tiveram

quatro filhos: Jeanette - já falecida - casada com o médico Waldomiro Thomé; Adel, advogado, casado com Maria Irma Cardilli da Fonseca; Aniz - também falecido - contabilista, casado com Eneida Dal Pino; e Samir, engenheiro, casado com Maria Helena Abdalla. A pequena família dos Auada voltou a morar em São Paulo em 1949.

“Em nossa casa, minha mãe era a memória do Líbano. Falava árabe com os filhos, contava histórias maravilhosas de sua infância e juventude em Mimes, de sua viagem a Damasco, povoava nossa imaginação com relatos sobre califas, beduínos, religiosos, frutas perfumadas, acompanhando tudo com músicas que executava ao piano”, lembra o empresário.

Já o pai era a ligação da família com o futuro, com o Brasil, que ele amava tanto quanto a pátria onde nascera. Com o passar do tempo, Elias e Odette se tornaram fundamentalmente brasileiros, porém mantendo vivas as lembranças da terra natal.

“Na casa de meus pais”, prossegue Adel, “havia uma característica encontrada em sucessivas gerações de filhos e filhas de imigrantes sírios e libaneses. Nossos avós e pais vieram para o Brasil

com o sentimento de cidadania suficiente para não se abrigarem debaixo de manto de proteção de quem quer que fosse. Sempre trabalharam muito, buscando sua individualidade, a afirmação na nova terra, conquistando posições degrau a degrau”.

“Todos nós aprendemos com nossos avós e pais que a maior herança que receberíamos seria a educação e a seriedade, a palavra dada, a honradez e o trabalho. Para isso, era preciso ler, estudar, respeitar os valores intelectuais, o trabalho, a seriedade e ser exigente consigo mesmo. Essa é nossa grande herança, que recebemos e transmitimos às gerações que se seguem. É a nossa saga, é a nossa história”, afirma Adel Auada.

Como dizia o ilustre advogado e professor Alfredo Nasser, ministro da Justiça no governo João Goulart: “Viemos de longe, não viemos de alto”.

O advogado e o turista acidental Enquanto estudava na Faculdade de Direito da USP, Adel Auada foi escrevente e estagiário no Fórum de São Paulo. Ao se formar advogado, a experiência acumulada permitiu-lhe o exercício imediato da profissão. Com mais dois sócios, abriu escritório especializado em direito comercial, civil e tributário. A sociedade durou alguns anos, até que sua trajetória profissional tomou outro rumo.

Edmon Mário Hage, amigo e cliente de Adel, era também vice-presidente da Enciclopédia Britânica Barsa no Brasil e, em 1966, a convite da matriz da empresa, foi aos Estados Unidos assistir a um ciclo de conferências. E voltou ao Brasil entusiasmadíssimo.

“Hage sabia que os melhores negócios até o final do século seriam no setor de lazer e turismo”, lembra Auada. Hage decidiu então comprar a agência Miller e convidou Adel como sócio do novo negócio.

Na verdade, Tratava-se da mais antiga agência de viagens de São Paulo, fundada por Charles Miller, o homem que trouxe o futebol da Inglaterra para o Brasil. A Miller, além de antiga, era grande.

No começo, Auada dedicava apenas duas horas diárias à agência. No restante do tempo, trabalhava no escritório de advocacia. O aumento da demanda na agência fez com que ele estendesse o expediente para quatro horas diárias. Em pouco mais de um ano, já estava trabalhando em tempo integral e totalmente focado no turismo.

Pelos registros estatísticos das companhias aéreas, em 1969, a Miller já figurava como uma das

“ Todos nós aprendemos com nossos avós e pais que a maior herança que receberíamos seria a educação e a seriedade, a palavra dada, a honradez e o trabalho ”

cinco maiores empresas brasileiras do setor. “Nessa ocasião, fomos procurados pelo Grupo Novo Rio, do então governador Carlos Lacerda, que já tinha duas agências: uma no Rio e outra em Petrópolis. Houve uma proposta de associação com a Miller, mas meu sócio faleceu e a família não se interessou. Acabamos vendendo a agência para o grupo de Lacerda”, conta o empresário.

UM PIONEIRO DOS DIREITOS DO CONSUMIDOR

Para continuar trabalhando na área, Auada criou sua própria agência, a Travel Cred, que funcionou até 2005. Mas transformou o negócio em uma verdadeira escola de turismo. “Montei uma equipe de trabalho com os mesmos princípios da Miller e, claro, da Barsa”, conta. Além disso, outros serviços e soluções passaram a ser combinados para oferecer mais conforto, satisfação e fidelizar o cliente. “Criamos o Clube de Férias, o questionário pós-viagem para conhecer a opinião de cada passageiro e oferecíamos outra viagem em caso de alguma reclamação grave. A formação do primeiro pool de operadoras de turismo também é dessa época. Miller, Panorama e Transatlântica vendiam viagens com saídas garantidas”, enumera o empresário. Mas a concorrência reprovava a atenção que a Travel Cred dispensava ao cliente. “Fui criticado, mas acredito ter sido um precursor do Código de Defesa do Consumidor”, orgulha-se Auada.

Com espírito empreendedor, o empresário acompanhou muitas evoluções e superou inúmeras necessidades e limitações operacionais e tecnológicas da época. “Para se fazer uma ligação telefônica para Foz de Iguaçu, por exemplo, era preciso pedi-la pela manhã para ser completada à noite. O sistema de reserva era operado por telefone



Elias Auada, com o filho Adel, no colo, e a filha Jeanette

A elegante e linda Odette Khairalla que se casou com Elias Auada em 1931



Elias e Odette Auada tiveram quatro filhos: Jeanette, Adel, Aniz e Samir

e anotado à mão. Era demorado, mas funcionava. Por outro lado, o contato com os passageiros era muito maior”, recorda. Essas memórias são registros de um voo para o futuro. “As mudanças tecnológicas criaram um mundo sem fronteiras, acessível e bem organizado. O profissional de todas as áreas, inclusive da área de turismo, precisou mudar junto e orientar parte dessas mudanças”, avalia.

FEIJÃO PARA CONQUISTAR O MUNDO

A participação de Adel Auada na vida das entidades do setor começou junto com Walter Steurer e Eduardo Vampré do Nascimento. “A Associação Brasileira de Agências de Viagens de São Paulo (Abav) estava parada e, em 1971, resolvemos concorrer às eleições. Mas a chapa adversária tinha o apoio da Embratur e venceu. Não desistimos. Voltamos dois anos depois e vencemos. Steurer ficou como presidente da Abav, Nascimento como presidente do Sindetur-SP, e eu como vice-presidente dos dois. Demos vida nova para as duas entidades e tenho muita honra de ter participado desse trabalho e de estar citado nos dois livros históricos do Sindetur-SP, e da Abav”.

Adel foi presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens de São Paulo (Abav-SP) e representante das agências de turismo junto ao Conselho Nacional de Turismo (CNTur), por nomeação do presidente Ernesto Geisel. Também atuou como superintendente do Conselho do Turismo da Associação Comercial de São Paulo e presidente da Abav Nacional (São Paulo e mais 19 estados).

Hoje é diretor da Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Recebeu várias homenagens das cidades de São Paulo e de Fortaleza, bem como o título de Amigo do Nordeste por parte de nove estados da região. Escreveu dezenas de artigos sobre sua área profissional, foi colunista de turismo do jornal “O Estado de S. Paulo” e, a convite de João Saad, durante oito anos apresentou o programa “Faça Turismo”, na Rádio Bandeirantes.

Com Michel Tuma Ness, Adel fundou o Clube Feijão Amigo, congregando profissionais de turismo em torno da gastronomia brasileira. Criado em São Paulo, em 1980, o clube espalhou-se por todo Brasil e no exterior. Em eventos realizados em Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Miami, Nova York, Lisboa e Madri o Clube do Feijão divulga o turismo e a

“ Eu diria que, especialmente no Líbano, por razões sentimentais, ser brasileiro abre as portas. Lá, ser brasileiro tem mais prestígio do que ser libanês ”, afirma Auada

gastronomia do Brasil.

Adel é autor de dois livros. O primeiro, lançado em 2001, é “Clube do Feijão Amigo: histórias e estorinhas”, sobre a fraternidade e a amizade de pessoas em reuniões onde é servido um prato que é paixão brasileira: o feijão. O segundo livro, publicado em 2002, fala da trajetória do empresário sírio “Assad Abdalla – sua obra e sua vida”.

PORTAS ABERTAS PARA BRASILEIROS NO LÍBANO

Quem viaja muito sabe que, em muitos países, o tratamento é diferente para quem se identifica como brasileiro. Não apenas pela tradicional associação com futebol e café. Mas hoje, a imagem e a referência nacionais são outras. “Isso nos faz sentir mais orgulhosos de nossa nacionalidade. Eu diria que, especialmente no Líbano, por razões sentimentais, ser brasileiro abre as portas. Lá, ser brasileiro tem mais prestígio do que ser libanês”, afirma Auada.

As migrações, o intercâmbio, as relações comerciais, as trocas culturais e tantas outras influências mútuas estão na base desse comportamento e dessa receptividade. De suas muitas viagens, Auada destaca uma passagem pitoresca: “Certa vez fui ao Líbano para participar de uma homenagem que seria feita ao meu tio. Estava muito quente, cerca de 40 graus. Resolvi parar para tomar um suco em um quiosque. O dono do estabelecimento veio me atender. Tentei falar em árabe, misturei com o francês e consegui me comunicar”. Os dois conversaram e Auada soube que o comerciante tinha parentes no Brasil e, em razão dessa história comum, se recusou a aceitar o pagamento. “Ele me disse: então você vem à minha casa e acha que eu devo lhe cobrar por isso?”, conclui. ■

A primeira carteira de dona Odette Auada emitida pelo recém-criado Estado do Grande Líbano, em 10 de setembro de 1921



Adel Auada, em traje árabe, visita a casa de seus avôs em Mimes, em 1971. Acima da porta da entrada, há registro dos antigos proprietários da casa: Hanna Auada, avó de Adel e seu bisavô, Chaddad Auada

ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel*



PERSPECTIVAS PARA O CORACÃO EM 2020

De olho nas pesquisas, um balanço dos avanços que o ano novo pode trazer para o tratamento das doenças cardiovasculares

Por Edmo Atique Gabriel*

A medicina cardiovascular não pode parar. E 2020 está aí, ansioso por novidades, inovações e soluções concretas para tantas doenças cardiovasculares com altíssimo índice de mortalidade.

A pesquisa em ciências da saúde, notadamente no âmbito cardiovascular, requer a contínua integração entre ciências básicas, ciências clínicas e a indústria. O maior incentivo para esta integração é a realidade de que as doenças cardiovasculares não escolhem faixa etária nem classe social e, quando diagnosticadas em estágio avançado, são inexoravelmente letais.

O espocar de um novo ano não deveria consolidar o conformismo, mas por outro lado sedimentar a inquietude dos centros de pesquisa e pesquisadores, na busca de mais e maiores soluções e inovações.

Existem ainda desafios complexos a superar e certamente existe demanda de tempo para isto. Obviamente que não podemos atribuir ao ano de 2020 todo este fardo, mas podemos implementar

novas metas, ações e soluções se efetivamente os três pilares - ciências básicas, ciências clínicas e indústria - estiverem atuando em equilíbrio, compensando as limitações de um com as iniciativas do outro.

Ainda enfrentamos a doença de Chagas, uma patologia descrita em 1909 e que tem relação direta com as condições de moradia e higiene. Nas últimas décadas, temos notado que o câncer e as terapias para tal são extremamente prejudiciais à boa função cardiovascular - em outras palavras, o câncer e a doença cardiovascular de uniram para nos matar em maior escala. A insuficiência cardíaca e o transplante de coração ora se casam, ora se divorciam, lamentavelmente não vivem a paz de um matrimônio eterno e, em meio a isto, os dispositivos mecânicos ou "coração artificial" ainda requerem mais pesquisas, mais análises de custo e mais desburocratização.

A cirurgia cardiovascular tem vivenciado a era das técnicas de mínima invasão, por meio de incisões menores e incorporação tecnológica. No entanto, um dos sustentáculos



da cirurgia cardiovascular - a chamada circulação extracorpórea - ainda se comporta de forma dicotômica. Explicando melhor - por meio da circulação extracorpórea, o cirurgião cardiovascular consegue parar o coração, esfriar e esquentar a temperatura corpórea e abrir o coração e operá-lo. Fantástico isto! Porém, este circuito artificial de circulação gera um processo inflamatório de graus variáveis e que, quando acentuado, pode até matar. Ainda precisamos buscar soluções concretas e efetivas para isto. A pesquisa cardiovascular deve buscar cirurgias cada vez menos invasivas, mas é mister que haja também cada vez menos carga inflamatória.

Algumas terapias que constantemente permeiam o universo de várias especialidades médicas, como a imunoterapia e as células-tronco, poderiam ter mais destaque em 2020, sendo úteis não para algum tipo de patologia cardiovascular, mas preferencialmente com maior amplitude de aplicação clínica.

O ano de 2020 já deve estar cansado. Afinal, ele nem começou e a ele tantas atribuições e metas

foram alocadas. Não há outra alternativa, pois as doenças cardiovasculares permanecem firmes e novas soluções precisam aparecer. Os centros de pesquisa e pesquisadores brasileiros têm talento inquestionável para isto e as pessoas, sobretudo as mais carentes, geralmente têm pouco tempo para esperar. Talvez seja esta a perspectiva magna para 2020, quanto a medicina cardiovascular: a produção de soluções tem de superar a velocidade do tempo. ■

“A pesquisa em ciências da saúde, notadamente no âmbito cardiovascular, requer a contínua integração entre ciências básicas, ciências clínicas e a indústria”

* Edmo Atique Gabriel é professor e médico cardiologista

FOTO: DIVULGAÇÃO. ILUSTRAÇÃO: FREEPIK

Uma viagem no tempo

Para realizar um desejo de infância, a dentista e empresária Soraya Arid foi ao Egito. E contou para Carta do Líbano sua experiência e suas descobertas

“Desde menina sonhava em conhecer o Egito, suas pirâmides e suas belezas. Sonho que pude realizar este ano. Trata-se de um país fascinante com suas muitas diferenças e contrastes.

Monumentos fantásticos, construídos há milhares de anos, me deixaram imaginando como podem ter sido construídos. São palácios perfeitos, esculturas perfeitas, muitas feitas em granito, outras em pedras diferentes e todos com muitos metros de altura. Por isso o Egito atrai pessoas de todo mundo com objetivos diferentes: turistas, curiosos, estudiosos, místicos, ufólogos etc.

A primeira coisa que me chamou a atenção a chegar ao Cairo foi o trânsito caótico e barulhento. Motoristas buzina muito, para tudo e para todos, xingam, brigam... Porém, espantosamente não vi sequer um atropelamento ou acidente. Curioso...

O lixo se espalha por toda a cidade, causando uma impressão muito ruim. Vários locais que visitei não contam com saneamento básico e as pessoas nas ruas estão com roupas, pés e mãos sujos.

Muitos prédios na cidade do Cairo foram destruídos durante a revolta de 2011 - a chamada Primavera Árabe - e as ruínas e os destroços



Soraya Arid passeia no Vale dos Reis. Abaixo, pinturas na parede do templo egípcio de Luxor



Vale dos Reis. Acima, templo de Ramsés II em Abu Simbel



“Egito atrai pessoas de todo mundo com objetivos diferentes: turistas, curiosos...”



Saqqara (Memphis Antiga)

FOTOS: DIVULGAÇÃO

continuam no mesmo lugar, denotando a falta de reconstrução e conservação. Uma cidade castigada por 30 anos de ditadura.

Porém, quando se chega às ruínas dos templos sagrados e às pirâmides, nada disso conta pois é tudo tão lindo, tão mágico, tão misterioso. Eu só queria aproveitar e me renovar, através daquela energia maravilhosa que existe nesses locais. Tentava entender o mundo com os olhos dos egípcios de 5 mil anos atrás.

As três pirâmides de Guizé foram construídas com pedras com mais de 2 metros de altura cada, e pesando toneladas. A maior das pirâmides tem 142 metros de altura. E eu me perguntava, “como?”. em outro complexo de pirâmides, o de Dashur, uma das construções teve seu topo feito com um tipo de rocha, ou mineral, hoje desconhecido pela humanidade.

O templo do faraó Ramsés deveria ser considerado a Oitava Maravilha do Mundo Antigo, tamanha a sua



“Acredito que quem vai ao Egito sempre volta diferente”, conta Soraya Arid

magnitude e majestosidade. Tive o privilégio de visitar tumbas fechadas ao turismo, com mais de 70 metros de profundidade. Entrei em uma das pirâmides à noite, quando já não há mais o fluxo de turistas - ela foi aberta especialmente para o nosso grupo

Experiências realmente incríveis!

Quanto ao povo egípcio pude observar que adoram comercializar seus produtos - negociando muito os preços - são bastante receptivos, falam alto, gesticulam... Porém, percebe-se que é um povo sofrido e a maioria parece viver à beira da miséria.

Não é um país onde uma mulher pode se aventurar sozinha. Aliás, é um lugar perigoso para o turista desavisado. Nosso guia não permitia que ninguém saísse sozinho pelas ruas ou se afastasse do grupo. Em nosso ônibus havia um segurança armado que nos acompanhava durante os passeios. Para visitar certos locais foi preciso contar com escolta de batedores da polícia, armados com metralhadoras. Isso foi assustador. Mesmo assim, é um dos lugares mais fantástico que conheci. Acredito que quem vai ao Egito sempre volta diferente. ■



Nesta foto, Templo de Luxor. Acima, templo Hatshepsut. À esquerda, tumba de Tutankamon


ATIQUE GABRIEL
CLÍNICA MÉDICA

Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Orientador de Nutrologia e Longevidade

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica
e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo,
Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal nas cidades de
São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

CONTATOS

www.drgabrielcardio.com.br

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126

UMA AVENTURA NO PAÍS DOS CEDROS

Descendentes de libaneses agora têm a oportunidade de, através de um exclusivo roteiro de viagem, explorar suas raízes conhecendo os locais de onde vieram seus antepassados. E muito mais

Já é parte da história das famílias libaneses contar que os primeiros libaneses chegados no Brasil - por volta de 1880, fugindo das imposições econômicas, políticas e religiosas do Império Turco Otomano - tinham passaporte turco, assim como os sírios também. E, por isso, eram chamados de turcos pelos brasileiros. Hoje são entre 8 e 12 milhões os descendentes de libaneses vivendo no Brasil e a profusão de histórias desses antepassados acabaram se perdendo, com muita gente sem informações sobre suas raízes ao longo de todo esse tempo.

Pensando nisso, a Global Experiences criou um programa de viagens que busca resgatar as origens de famílias libanesas, até mesmo de quem não sabe ao certo onde procurar. O “Líbano: um reencontro com as origens” é destinado para quem deseja investigar profundamente suas raízes. A ideia é visitar os lugares que marcaram essa história e traçar um roteiro personalizado extra para quem quiser conhecer a vila ou aldeia de onde veio sua

família, a fim de compreender a própria identidade étnica e histórica.

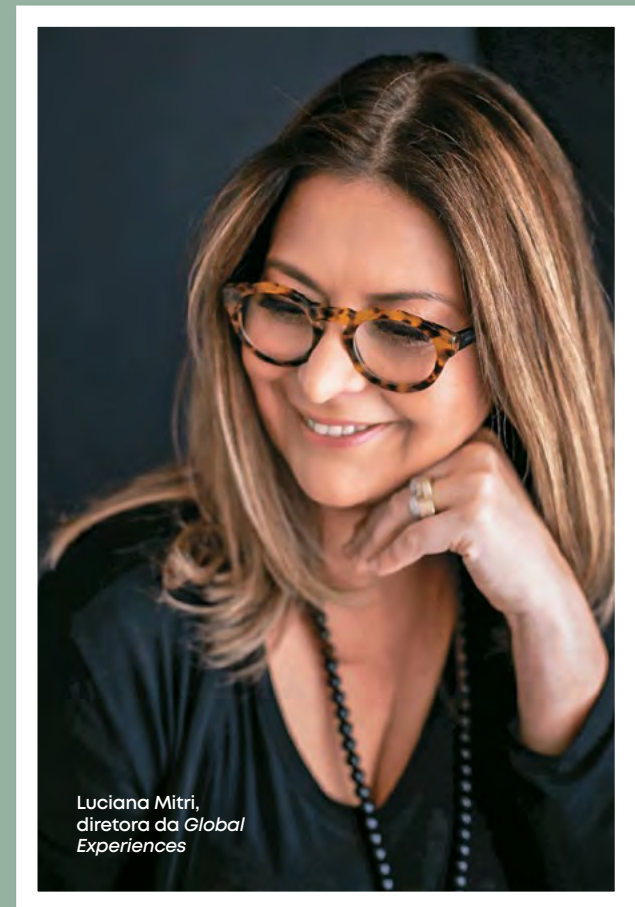
O programa surgiu depois que a digital influencer Manu Touma, conheceu Luciana Mitri, diretora da empresa de turismo, durante uma experiência internacional para mulheres empreendedoras. As duas decidiram então realizar uma experiência exclusiva para o Líbano, o seu país de coração. “A Global Experiences faz parte do Grupo Intercâmbio Global, que há 40 anos realiza viagens internacionais envolvendo imersões culturais com conteúdo específico e muita emoção”, explica Luciana.

Manu, casada há 20 anos com o empresário libanês Georges Touma, divide sua vida entre o Brasil e o Líbano. Em seu Instagram @manoutouma apresenta seu interessante LifeStyles e um exótico mix cultural que a tornou uma “Embaixadora da Cultura Libanesa” online, divulgando todas as peculiaridades de suas constante ponte-aérea Brasil-Líbano.

Conhecedora, como poucos, do que há de mais moderno, elegante e efervescente na cosmopolita Beirute, bem como amante da vida simples e



Manuela Touma explorando os sítios históricos do Líbano



Luciana Mitri, diretora da Global Experiences



Manuela Touma com a filha Georgia e o marido Georges em passeio pelas antigas ruas de Biblos

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O programa “Líbano: um reencontro com as origens” é destinado para quem deseja investigar profundamente suas raízes

acolhedora das montanhas - de onde saíram muitos dos imigrantes libaneses que vieram para o Brasil - Manu é curadora e anfitriã dessa jornada muito especial para quem sonha conhecer o país de seus antepassados com todas as suas belezas.

“Para mim o Líbano representa história, família, religiosidade, gastronomia, moda e lazer. Por isso, a melhor maneira de realizar a viagem perfeita é ouvir as pessoas que irão partilhar essa experiência comigo experiência”, conta.

São 7 dias de imersão na cultura libanesa, com visitas à ruínas, palácios, mesquitas, igrejas, montanhas e praias, além de passeios envolvendo moda e gastronomia. Tudo isso nos cenários envolventes das Maravilhas do Mundo Antigo e dos Patrimônios da Humanidade.

Histórias, encontros de família, descobertas culinárias, dicas de lifestyle e muito entretenimento compõem o roteiro prometem de um programa inédito.

Para participar basta se inscrever pelo site da Global Experiences <https://www.globalexperiences.com.br/Libano/>.

A programação acontece de 12 a 18 de maio, no Líbano. O pacote completo inclui transfer, acomodação, seguro viagem, tradução e acompanhamento durante toda a estada.

A acomodação é em hotel 5 estrelas, com a possibilidade de reserva de quartos duplos ou individuais.

A ideia unir as famílias para que se reúnam e compartilhem essa experiência única.

Acesse o site ou entre em contato por telefone ou e-mail:

contato@globalexperiences.com.br

(11) 3149-8199 opção 4

(11) 94993-8105

Boa viagem! ■

Luciana Mitri criou um programa de viagens que busca resgatar as origens de famílias libanesas



O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/



Márcia Hueb Sabino, a festejada aniversariante na Casa Amarela

SOPRANDO VELINHAS

A decoradora Márcia Hueb Sabino de Freitas comemorou o aniversário de 60 anos, em Uberaba
 Por Virgínia Abdalla*

FOTOS: MARTINHA SABINO

Foi na Casa Amarela, um dos mais completos espaços para festa de Uberaba (MG), que a bela decoradora Márcia Hueb Sabino de Freitas comemorou o aniversário de 60 anos, no dia 13 de dezembro 2019. Tudo mais que perfeito, do ambiente suntuoso do local ao menu caprichadíssimo, que incluía pratos típicos da melhor culinária libanesa em mix com outros da cozinha internacional. Brindes e mais brindes de champagne rolaram entre os presentes, especialmente familiares. Nosso especial abraço. ■

*Virgínia Abdalla é colunista social em Uberaba



Com seu marido, Fabiano, e os filhos do casal, Henrique e Nathalia



Martinha Sabino, José Santiago, Márcia e Santiaguinho



Com Maria Teresa Abud



Com suas primas, Luciana e Juliana Tapxure e Marta Hueb



Com Laila Hueb, que agora reside em São Paulo



A aniversariante e Carlinhos Mardegan



Márcia com a bela família de sua irmã Cristina, casada com Gilberto Barata



Márcia soprando velinhas

ARTIGO

Por Gabriel Chalita*



COMI A SAUDADE

E, um dia, voltei ao Líbano e à rua do sanduíche de Falafel e ao tempo que, dentro de mim, trazia lembranças

Nenhum dos meus amigos viveu a guerra. Eu vivi. Era um menino pobre de um país pobre de tanta dor. Minha terra chorava dia e noite. Mães atormentadas por sirenes com medo de mais um enterro. Os enterros se sucediam. As lágrimas desciam montanhas abaixo, sonhando germinar um novo tempo. Eu era um menino que ganhava algumas moedas vendendo doces ou limpando cabelo em uma barbearia. Moedas que não eram suficientes para comprar o sanduíche de que eu mais gostava. Minha mãe e meus quatro irmãos estavam na mesma situação. Nas calçadas da penúria, no caminhar em busca de paz.

Calçada era onde me sentava do outro lado da rua para ver os que tinham dinheiro comprarem e comerem o sanduíche de Falafel. Um vazio me abria naquele corpo tão menino. Reclamar? Como? Minha mãe era muitas para lidar com a sobrevivência de tantos.

Em uma viagem de saudades e acenos, viemos para o Brasil.

Os inícios, por aqui, também foram duros. De pedra em pedra, fui construindo minha história. Sem nunca abandonar as minhas raízes. Fiz família. Mulher e filhas que preenchem os meus mais lindos instantes.

E, um dia, voltei ao Líbano e à rua do sanduíche

de falafel e ao tempo que, dentro de mim, trazia lembranças.

Era outro o vendedor, era outra a paisagem. O sol queimava o dia e eu aquecia o meu coração comprando cinco sanduíches de Falafel. Sem muita explicação, quis sentar na calçada e comer um a um. Eu estava comendo a saudade. Eu estava comendo a gratidão de ter sobrevivido, de ter viajado, de ter plantado em terras de paz. As lágrimas iam despencando, não de medo das sirenes ou das mortes de quem perdíamos. Eram lágrimas da emoção do curso da vida. Das tantas dores passageiras. Das cicatrizes com as quais aprendemos a conviver.

Conto aos meus amigos que me ouvem com poesia. As privações podem nos empoeirar de tantas maneiras. E podem nos impedir de prosseguir. Não foi o que aconteceu comigo. O que tenho de mais precioso não é o dinheiro para comprar os cinco sanduíches. O que tenho de mais precioso são os sentimentos que foram regados por tantas pessoas que fui aprendendo a amar.

E, se pensam que conhecem da grande felicidade, esperem o nascimento dos netos. Meus netos são como milagres que brotaram de um Cedro do Líbano que teve a grandeza de nunca desistir de acreditar.

Quando os abraço, relembro o menino que fui e agradeço a Deus por ter chegado até aqui. ■

*Gabriel Chalita é professor e escritor

FOTO: DIVULGAÇÃO



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido
conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/

